This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
1817
LIBRARIES

THEATRO TRAGICO PORTUGUEZ.

POR

MANOEL CAETANO PIMENTA DE AGUIAR.

MORTE DE SOCRATES.

TRAGEDIA.

9.ª

Felix, qui potuit rerum cognoscere caussas
Atque metus omnes, et inexorabile fatum
Subjecit pedibus, strepitumque Acherontis avari!
Virg. Georg. L. 2.°

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO. 1819.

Com licença.

869.8
P641mn

C 40 6 / 5 / 73

ARGUMENTO.

QUeixando-se hum dia ao virtuoso Socrates certo amigo seu de que os Trinta Tyrannos fazião sem cessar correr o sangue dos Magnates de Athenas, este sublime Philosopho lhe respondeo: *Consolemonos de não sermos, como os Grandes, Heroes de huma Tragedia.* Esta maravilhosa modestia, propria do seu caracter, sua vida toda cheia de sabedoria, heroismo, e virtude, a injusta morte a que foi condenado pelo corrompido e perverso Areopago, e o alto respeito que consagro ao primeiro Philosopho, que, segundo a expressão de Cicero, conhecendo a insufficiencia da Physica, que então pomposamente se ensinava nas escholas, fez descer do Ceo a Philosophia e a Moral, para ensinar os homens a serem racionaveis, justos, e virtuosos, me estimulárão a escolhello para Protogonista deste Drama, que consagro á sua saudosa memoria.

Athenas teve a honra de ser patria de Socrates. Sophronico, seu pay, escultor, tantoque o vio em idade propria, começou a ensinar-lhe esta arte maravilhosa. Os talentos do joven discipulo, aptos para tudo, derão logo grandes esperanças ao solicito mestre. Em breve tempo fez rapidos progressos; e delle se conhece ain-

da hoje o gruppo das tres Graças, estimado por huma obra de superior merecimento.

As continuas e desastrosas guerras, que então dilaceravão a sua patria, o chamárão ás armas, e seu natural valor lhe fez seguir com entusiasmo esta nova e estranha carreira, na qual obrou prodigios em favor da causa que abraçára. Fez duas campanhas. Na primeira, salvou do meio dos inimigos a Xenophonte ferido, que tendo cahido do cavallo hia a ser morto, e, carregando-o sobre seus hombros, o conduzio por grande espáço até o pôr em lugar seguro. Na segunda, sendo os Athenienses completamente derrotados e póstos em fugida, elle foi o ultimo que socegadamente se retirou do campo, e mostrou tal intrepidez, que os inimigos, furiosos em perseguir os fugitivos, se assombrárão desta firmeza de caracter, não se atrevendo a atacallo.

A paz, que póz termo ás agitadas convulsões da Grecia, lhe facilitou os meios de cultivar seus naturaes talentos. Estudou a Physica nas escholas de Anaxagoras e de Archelão: e conhecendo a magreza da Philosophia do seu tempo, se dedicou todo ao estudo da Moral util aos homens, sciencia que os anteriores Philosophos havião desconhecido.

Critas e Charicles, dous dos Trinta Tyrannos, indignados contra elle, porque altamente reprehendia os vicios publicos, lhe suscitárão a primeira persiguição, accusando-o de corruptor

da mocidade, e lhe prohibirão o communicar com os homens de menos de trinta annos de idade.

Xantippa, sua mulher, com seu genio aspero e insoportavel, de dia em dia acrisolava a inalteravel paciencia deste sabio.

Socrates, inteiramente dedicado ao ensino da Moral, instruia os Athenienses, e lhes inspirava o amor da sabedoria e virtude. Foi então que os infames Anyto e Mélito, membros do Areopago, o accusárão neste perverso e supremo tribunal de tres grandes crimes. Primeiro, ser o blasfemador das antigas Divindades da Grecia, das quaes desaprovava as paixões ridiculas e abominaveis: dizendo que hum Genio o inspirava, e lhe fallava ao coração. Segundo, depravar com seus discursos e tracto a mocidade de Athenas. Terceiro, ser o declarado inimigo do governo popular, dizendo que o escrutinio por onde se elegião os Magistrados éra hum absurdo politico. Lysias, o mais famoso orador de Athenas, tomou a defesa da sua causa, e escreveo sobre este importante assumpto hum pathetico discurso cheio de eloquencia para elle recitar na presença de seus Juizes. Socrates, depois de o ter escutado com attenção, lhe disse: *O vosso discurso he sublime e cheio de erudição: porém he para mim o mesmo que se me offerecesses huns çapatos á Sicyoniena* (moda que então vogava entre a mocidade) *de que me não convinha usar, por serem*

improprios da dignidade de hum Philosopho. Conduzido ao Areopago, ouvio sem se alterar os seus accusadores; e depois com huma firmeza de espirito, que só a innocencia desenvolve, refutou as calumniosas invetivas de seus adversarios. O seu discurso cheio de simplicidade, modestia, e energia, pareceo abrandar grande parte dos Juizes, e lhe conciliou o maior numero de votos a seu favor. Anyto e Mélito hião a ser condenados, segundo as leis, a huma multa de mil drachmas, como calumniadores: porém o detestavel Licon, que gozava de grande reputação popular, levantando-se do seu assento, fallou com enthusiasmo e vehemencia em favor dos accusadores, e o seu credito attrahio grande numero de suffragios: houve 280 contra Socrates, e 220 a seu favor. Vista a desproporção, os Juizes declarárão, que o Philosopho era criminoso, sem lhe impor algum castigo, deixando ao suppôsto réo a escolha delle. Este sabio lhes disse com firmeza e dignidade: *Como sou livre para escolher a pena dos delictos de que falsamente me accusão, eu me condeno, por ter sempre instruido os Athenienses, e por ter feito constantemente grandes serviços á minha Patria, a ser nutrido o resto de meus encanescidos dias no Prytaneo á custa da Republica.* Esta honra era entre os Gregos a mais distincta. Resposta tão sublime e terminante revoltou todo o Areopago, que se resolveo a perdello, deliberando, que logo bebesse o çumo da cigude. Quando lhe

disserão, que os Juizes o tinhão condenado á morte, respondeo sem se alterar : *Elles no instante em que nascerão o forão pela natureza.* Marchou com imperturbavel serenidade para a prisão. Os seus discipulos e amigos quizerão libertallo, comprando o carcereiro; porém elle rejeitou estes compassivos officios, dizendo: *Se fugisse então me faria criminoso.* Bebeo a cigude com a mesma firmeza de caracter com que tinha sempre encarado as alternativas da vida. Passeou tranquillamente; e quando as pernas começárão a enfraquecer-se, deitou-se, e expirou, tendo 70 annos de idade.

Sua mulher e seus discipulos recolhêrão seus ultimos discursos, que forão todos de hum sabio, e do Grande Socrates.

Do Cl. Senhor João Braz Vidal Jordão, Advogado da Casa da Supplicação, já immortalisado no 3.º tomo das Poesias d'Elpino Duriense.

Este heroico papel ha de arrostar-se
Contra os insultos do voluvel tempo,
E por entre os nubiferos futuros
Passar a novas estrangeiras gentes.

Morte de Socrates, Tragedia, Acto 3.º Scena 1.ª Vers. 63, e seg...

SONETO.

A Musa da Tragedia, rociada
De puro nectar, entrã em fausto dia
No Pindo, das Irmãas em companhia,
Fallando assim a Apollo magoada:

Se o Mestre de Platão abrio a estrada
Da sãa moral, que os homens allumia,
Se o premio foi armar-se a tyrannia
Contra a vida de Socrates honrada:

Como consentes que a exemplar historia
Não ganhe no Cothurno igual grandeza
A' deste Heroe, que vive na memoria?

Entre os Genios da gente Portugueza
(Phebo lhe diz) *Nação de eterna gloria,*
Meu Aguiar venceo tão ardua impreza.

Não da trope lisonja bafejado,
Mas da rara amizade vem dictado.

Do Auctor.

ACTORES.

SOCRATES.

XANTIPPA, *sua mulher.*

XENOPHONTE, *amigo de Socrates.*

PLATÃO. . . . .
APPOLODORO. } *discipulos de Socrates.*
CRITON. . . . .

LICON. . . . . }
ANYTO. . . . . } *Areopagitas, accusadores de Socrates.*
ME'LITO. . . . . }

PHROMIO. . . . } *Areopagitas, defensores de Socrates.*
DEVO. . . . . }

LYSIAS, *orador de Athenas.*

MICIO, *official militar.*

Alguns Areopagitas.
Soldados.

A scena se representa em Athenas.

ACTO I.

SCENA I.

Casa de Socrates parcamente mobiliada. Algumas estantes com livros. O gruppo das Graças, sua obra prima, com esmero acabada. Varias estatuas mais ou menos trabalhadas. Socrates assentado escrevendo. Xantippa.

XANTIPPA.

DE que serve a Moral, que tanto inculcas?
Esse assiduo trabalho sobre os livros,
Bruscas meditações, tempo perdido
Na abandonada inerte Philosophia?
Os Grandes te desprezão, pois sem pejo
Atacas as paixões, que os lisongeão.
O pôvo, quando passas pelas ruas,
Sorrindo já te aponta como hum homem
Esquentado e frenetico, que deve
N' Anticyra tomar o patrio elleb'ro.
Deixaste ess' arte donde dimanava
O diario sustento, e consagráste
A mente revoltosa a novas seitas,
Que nos podem causar immensos males.

Abraça o meu conselho, ao fogo entrega
Esses volumes, que n'outr'ora Athenas
Antiquaria prezava. Impunha o malho,
Com teu ferro sutil de broncas pedras
Os Deoses faz sahir, Heroes levanta.
Não deve o filho, orgulhoso, injusto,
Desprezar de seu pai aquelle emprego,
Que a infancia defendeo da escassa fome.
Esta a pura Moral, e não teus sonhos.

SOCRATES. (1)

Já viste que hum só dia se passasse
Sem dar tempo á minh' arte tão querida?
Repara nesse gruppo das tres Graças,
Que acabei de polir, noutros, que mostrão
A forma que hão de ter: porém, Xantippa,
Este trabalho he muito mais sublime;
Polir os corações, fazer que os homens
Só amem a virtude, e prescrever-lhes
Segura marcha para o bem do Estado,
He dos empregos o mais grato e nobre. (2)

XANTIPPA.

Eis a mania, que exaltada ferve
Na mente escandecida. Quaes os premios
Que esperas alcançar nessa carreira?
Vês, porventura, que aos lugares subão
Aquelles, que curvados sobre os livros
A escura vida gastão, que escrevendo
Instruem e deleitão, que nos pintão

(1) Deixando de escrever.
(2) Continuando a escrever.

As disformes paixões, que desenvolvem
Do negro cahos dos agrestes vicios
A Virtude, a Moral? Ah não te illudas!
Prostitue-te á lisonja: estuda ess' arte
De manejar a intriga: eagrime as armas
Do moderno egoismo: e desta sorte
A estrado aplanarás de teus int'resses,
Que hum sistema fatal de dia em dia
Vai fazendo mais bronca e pedregosa.

SOCRATES. (1)

O Sabio nunca póde abandonar-se
Ao tropel desses vicios. Quem levanta
Sobre taes bases pessoal grandeza
Inda fica mais vil no centro della.
Pagão-se aquelles, que curvados gemem
Na dura dependencia, desprezando
Dentro em seu coração esse fantasma
Insultador á lei, á patria, aos homens. (2)

XANTIPPA.

Segue o falso pendor, declama austero,
Inventa novas seitas, veja Athenas
Grande reformador, que o cadafalso
Teu Prytaneo será. Não sabes, louco,
Que sempre a morte foi mer'cido premio
Dos que quizerão roformar os homens,
E dar á Divindade estranhos cultos?
Esses papeis, aonde o desvario
Tem monstros abortado, amiga chamma

(1) Deixando de escrever.
(2) Continuando a escrever

Consuma de hũa vez, detendo o raio,
Que já de perto sobre ti lampeja.

SOCRATES, (1)

Minh' alma sobranceira á desventura
Os tyrannos não teme, nem se assusta
De porvir pela inveja só forjado.
Que me importa que os homens se conjurem
Contra os escriptos meus, que as leis da honra,
Moral sagrada, que prescrevo ousado,
Lhes revoltem paixões, e que indiscreto
Estulto fanfarrão, que não me entende,
A quem pésa a moral de meus escriptos
Affecte desprezallos. Quasi sempre
Depois da morte he que se faz justiça
Ao puro mer'cimento. Não deslumbrão
Os rayos da grandeza as almas fortes,
Nutridas pela sabia Phil'sophia,
Nem o poder da morte tem imperio
Nos grandes corações, quando a virtude
He quem marca o caminho á vida humana. (2)

XANTIPPA

Que desvarios sem cessar proferes!
Acaso os homens já se decidirão
E concordárão sobre o que he virtude?
Chama o conquistador virtude, á guera,
Que inteiras gerações estraga e mata;
Em quanto o outro com furor declama
Contra os roubos que faz, chamando-o injusto

(1) Deixando de escrevey.
(2) Continuando a escrever.

Quer, que seja virtude, o Magistrado
Sustentar com rigor a lei austera;
Em quanto o triste, que soppórta as penas,
Ao som dos ferros barbaro lhe chama.
Hum nos diz que he virtude e que he justiça
A' morte condenar os que não pensão
Conforme o seu systema; outro se esforça
Para mostrar que he duro e detestavel
Lançar cadêas á razão humana.
Desta sorte os mortaes em crua guerra
De vaga opinião as vidas gastão,
E no fim de alguns lustros nada sabem,
Nem podem combinar seus sentimentos.

SOCRATES. (1)

Taes discursos sophisticos nascerão
Nas perversas escholas. Quando hum homem
Quer separar do fóco tormentoso
De agitadas paixões moral sublime,
E saber se he virtude o que elle exerce,
Consulta o coração muito em segredo;
Este amigo fiel, que tem guardado
No fundo a lei, que os crimes aborrece,
Lhe mostra o justo, reprovando o iniquo.
Embora ardendo de ambição se arroje
O homem sanguinario á guerra dura,
Exulte de prazer vendo ruinas,
Cidades devastadas, negras cinzas,
Gelado sangue, mutilados córpos;
Embreague a cabeça alguns momentos

(1) Deixando de escrever.

Nos fumos da victoria, que a virtude,
Fallando ao coração com voz mais forte,
Sob'rana lhe dirá, que a guerra he justa
Quando repelle o aggressor sedento,
Defende as leis, a honra, a liberdade:
Depois lhe fará vêr em quadro horrivel
De seus excessos detestavel marcha.
Se o criminoso na prisão gemendo
Consulta o coração, o peso amargo
Dos pungentes delictos lhe demonstra,
Que elle offendendo a lei seu mal causára.
Mas se o duro Ministro inexoravel
Retem nos ferros misera innocencia,
De remorsos cruéis punhal agudo
Lhe pica o coração, e lhe envenena
Os mais alegres folgasões prazeres.
Não ha lei que castigue os pensamentos;
Sómente á Divindade he responsavel
Por elles hum mortal. Mas se indiscreto
Quer propagar idéas revoltosas,
Trazendo o facho da infernal discordia
Ao centro das cidades, se atropella
A ordem social, merece a morte
Como péste politica. Se hum destes
Ouvir o coração, quando se arroja
A' louca empreza, saberá que a origem
D' arriscada reforma he proprio int'resse,
Desejos de elevar-se, e de rapina,
De magras precisões cruenta guerra.
Honrado coração só preza a ordem.
Deixa, cara Xantippa, o velho mundo

Seguir seu curso filho da exp'riencia.
As reformas nascidas nos tumultos
São mais funestas que milhões de vicios.
Há só hum Deos de quem Virtude he filha;
E como excelso Pai unica e bella.
Tudo o mais são chimeras, são delirios
De depravadas frivolas cabeças. (1)

XANTIPPA.

He por essa moral que eu presagio
Nossa ruina. Que te importa os homens?
Levantas huma voz estranha a Athenas.
Queres fazer-te celebre fallando
Pesada linguagem, que revolta
Feroz Areopago e culta Grecia.
Humano coração só se estimúla
Por dous principios, molas da existencia;
Int'resse e honras são os fixos polos
A que o sabio dirige os seus cuidados,
O que isto não produz he só loucura.
Tirar trabalhos donde não dimana
Nem commodos, nem util! Que fraqueza
Seu nome celebrar pela desgraça.

SOCRATES. (2)

Eu cumpro o meu dever amando os homens.
Espirito celeste, que me anima,
Confiado me foi para instruillos.
As honras, os applausos, as riquezas
São pesos para mim; de quantas cousas

(1) Continuando a escrever.
(2) Deixando de escrever. (1)

Para viver feliz não necessito.
O homem quanto mais he independente
Mais se assemelha aos Deoses. Recompensa
Só elles podem dar a sua virtude.
Se a meus escriptos declararem guerra
Os tyrannos os nescios, que me importa.
Se declamarem, eu tranquillo e firme
Em meus principios de immortal verdade,
Os comparo ao mastim, que n'alta noite
Vendo brilhar a Cynthia prateada,
Que o curso segue n' azulada esféra,
Encarniçado sem cessar latindo
Só se fatiga, incommodando aquelles
Que a seu pesar com dessabor o escutão. (1)

XANTIPPA.

Já vejo que és mais duro que hum rochedo,
Que inabalavel na cruel mania
De espalhar hum clarão desconhecido,
Vás attrahindo negras tempestades
Sobre a tua familia. A que desgraças
Se expõe triste mulher quando se allia
Ao indocil, ao louco, ao caprichoso.

(1) Continuando a escrever.

SCENA II.

Os ditos e Xenophonte.

XENOPHONTE.

AMigo virtuoso, que indifferente
A's cabalas, á intriga, a vida gastas
Ora instruindo, ora prescrevendo
Seguras regras de moral sublime.
Entregue a teus estudos, recolhido
Em pobre casa, da inconstante Athenas
Não sabes os manejos, nem te assusta,
Da virtude escudado, os negros crimes,
Que se asilão no centro tormentoso
Do fraco Areopago. Ah quantos males
Dalli sopra a vingança embravecida!

SOCRATES. (1)

Lamentemos, amigo, os desvarios
Da nossa humana fragil contextura.
Em quanto sabias leis não corrigem
Os vicios do Governo, sempre Athenas
Será theatro de crueis horrores.
O pôvo fatigado já suspira
Pelos Trinta Tyrannos, seus estragos,
Atrozes violencias, guerras duras,
Lhe parecem suaves comparadas
Aos males que soppora. Que desgraças
Não provem dessa ley, que o pôvo illude

(1) Levanta-se.

Ao grato som de amiga liberdade.
Tirar por sorte quem governe os homens,
Ao cego acaso entregar da patria
Os sagrados ent'resses, são delirios,
Que hũma sabia politica devia
Para sempre banir da culta Athenas.

XENOPHONTE.

Honrado cidadão, nobre, e profundo,
Nascido p'ra espalhar clarão brilhante
De sublimes verdades, sabe os premios
Que alcanças de instruir homens perversos,
De proclamar com voz segũra e sabia
Da patria o bem, dos póvos a ventura;
Negra conjuração contra a virtude
Levanta infame voz, és accusado
De crimes horrorosos, que forjárão
Teus inimigos, por que reprehendes
Publicos vicios, que a moral estragão.

SOCRATES.

Meu caro Xenophonte, quem não sente
Do crime o peso enorme não receia
As vis accusações de homens comprados.

XENOPHONTE.

Não nos defende contra a atroz cabala
Simplesmente a innocencia; quantas vezes
A temos visto suspirar nos ferros,
E sobre truculento cadafalso
Correr seu sangue purb. Os homens fazem
Por sagazes manejos que pareça
Crime a virtude, e de tal sorte involvem
Em manto radiante o negro crime,

Que deslumbrados os mortaes se illudem,
Confundindo dous entes tão oppóstos.

SOCRATES.

Não aquelles que a sabia Philosophia
De seus thesouros tem enriquecido.
Ella ensina o caminho á vida humana,
Separa o bem do mal, conhece os homens,
Faz encarar sem susto e sem receio
Os turbidos revezes tão frequentes
Da caprichosa aligera Fortuna;
Não teme os furibundos carregados
Aspectos dos tyrannos, não se altera
Nos prosperos soccessos, não baquea
De terror na desgraça; he sempre a mesma
Nos contrastes da vida: mas não julgues
Fallar d'aquella que, assombrando os nescios,
Ensina no gymnasio inchado mestre:
Involvida em palavras, que retumbão,
Por mil definições desfigurada,
Esta amiga do homem, que nascera
Com elle juntamente, he transformada
Por systemas fataes quasi em mysterio.
Eis a sorte de tudo o susceptivel
Dos homens alterarem! Sempre injustos,
Para se destruirem mutuamente
Convertem, furiosos, vingativos,
Em agentes da morte os dons mimosos
Da rica natureza: tirão succos
Das uteis plantas p'ra fazer venenos:
Cavão prestante ferro de que forjão
Agudo arado, uteis instrumentos;

Porém logo, batendo a curva chapa,
Preparão gume ao truculento alfange,
E ao traidor punhal a ponta agução.
O ouro, a prata, que prestar devião
Os commodos da vida, são a origem
Dos mais nefandos crimes. Assustada
Treme a razão de vêr destes tyrannos
O detestavel sanguinoso imperio.

XANTIPPA. (1)

Desterra, caro amigo, se he possivel,
Dessa esquentada singular cabeça
A frivola mania. Se inda he tempo,
Abjurando em publico os delirios
De pesada moral, nossos juizes
Façamos commover sendo submissos.

SOCRATES.

Abjurar sómente o homem deve
Os vicios, que envilecem. Quem ensina
O caminho feliz da vida humana
Não torce, nem recua. A's leis da patria
Eu sou submisso, e dellas escudado
Os juizes não temo. Tu me apuras
Com teu genio feroz a inalteravel
Tranquilla paciencia. Já forjárão,
Da inveja devorados, meus contrarios
Negras accusações. O infame Critas,
Iniquo Charicles, que então gozavão
Favores populares, que extorquião
Por suborno e temor sanguineos votos

(1) A Xenophonte.

De seus froxos collegas, já vierão
Cara a cara atacar-me: seo triumpho
Os cobrio de infamia! Vi-me honrado
Pelos homens de bem. E se privárão
Essa imberbe ligeira mocidade
De ouvir da minha boca a moral pura,
Deixárão livres antes pensadores,
A quem tenho ensinado a serem homens.

XENOPHONTE.

Tempestade mais horrida levantão
Agora os monstros, que a virtude assombra;
Com sagazes maneyos tem lançado
Azedume cruel nos fracos peitos
Dos que exercem da lei poder supremo.
Anyto e Mélito homens depravados,
Que o Tartaro arrojou do centro escuro,
São os orgãos por onde os teus contrarios
Cabalão sem cessar: tem feito crimes
De teus puros honrados sentimentos.
Esse respeito aos Deoses, que regeita
Do choque das paixões a infame guerra,
Esse amor pela patria, que reprova
Cego escrutinio, donde os vicios nascem,
Que vão minando o solido edificio,
Que heroicos sabios braços levantárão;
Essa pura moral, que fortifica
Os tenros corações da mocidade,
Que prepara na paz heroes da guerra,
Que ensina a ser feliz, util aos homens,
Prestante á patria, linguas arrojadas,
Pestilento veneno vomitando,

Tem transformado em crimes pavorosos;
Parante o tormentoso Areopago
Altamente declamão. Temo a intriga,
Que sobre nós levanta iniquo imperio.

SOCRATES.

Pois eu não temo os impios. Seus insultos
Sobre elles revertem. Deixa, amigo,
Vociferar a petulante inveja.
Sempre foi orgulhosa, iniqua, infame
A torpe estupidez. Marchemos firmes
Na estrada da virtude, ella consola
O sabio na desgraça. Embora veja
Ferver o chumbo, levantar as cruzes,
Escute o som da mó, que o gume affia
Ao curvo alfange, horridas catastas
Veja em roda de si, náda intimida
O homem innocente. Se eu sentisse
Qualquer remorso da moral, que ensino,
Talvez tremesse na presença austera
De meus accusadores: mas tranquillo
Nos braços da verdade e da justiça,
Encanescidos dias vão fluindo,
Que sempre á patria forão consagrados.

XENOPHONTE.

Essa mãy sempre ingrata já se esquece
De teus serviços, ora maneando
Penna erudita de que os vicios tremem,
Ora temivel lança sopesando.
Eu, que conservo na minh' alma escripto
Quanto te devo, a quanto te arriscáste
Para salvar-me dentre as feras hostes,

Quando ferido, exangue, e semivivo,
Hia a ser preza do feroz imigo,
Quero longe de Athenas corrompida
Comigo conduzir-te. Em qualquer parte
Da Grecia passaremos nossos dias
Tranquillos, escutando ao longe os echos
Da patria ingrata, que repelle os filhos,
Que devia abraçar meiga e sensivel.

SOCRATES.

Não, caro Xenophonte, deixa os sustos,
E pensa livremente. Quem se esconde,
E foge por temor sempre he culpado.
Eu me faria réo deixando a patria.
Entre os concidadãos, no mundo inteiro
Talvez se vacillasse sobre os factos
Da minha accusação. Constante e firme,
Da verdade escudado, quero hum dia
Supplantar os perversos, que invenenão
Meus puros sentimentos. E que roubo
Faria a Athenas se arrancasse á gloria
Seu decantado heróe! Socrates velho,
E que soube viver livre de infamia,
Prestante Xenophonte não separa
Dos inter'sses da patria, que o reclama.

XENOPHONTE.

Aos tyrannos fugir nunca foi crime.

SOCRATES.

Quem foge he porque teme; esta fraqueza
Minh' alma desconhece. Se recordas
As campinas de Delos, os combates
Repetidos, o cerco formidavel

Da inimiga Potidia, esse funesto
Terrivel dia em que Athenas vio
Murchar-se a sua gloria, e negro lucto
Cobrir as tristes consternadas filhas,
Em que o terror e a morte devastavão
Os disperços soldados, tambem deves
Recordar-te, que Socrates ficára
Só sobre o campo, e fora o derradeiro,
Que o terreno deixou, sem descorar-se,
Nem sentir do temor cobarde effeito.

XENOPHONTE.

Tudo tenho presente. Não me esqueço
Da heroica intrepidez com que arrostavas
As desgraças nos criticos momentos.
Sempre me lembrarei, grato e sensivel,
De quando por salvar-me te arrojáste
Ao centro das phalanges, e sem susto
Sobre teus hombros me levâste exangue
Para longe do campo da batalha,
Onde amigos soccorros me prestáste.
A vida que hoje gozo he obra tua,
Quero expolla por ti, quero pagar-te
De igual maneira a divida sagrada.

SOCRATES.

Nada me deves: fiz quanto devia
A' honra, á natureza, á humanidade.
Salvei o amigo, eis o recompensa
Dos meus esforços. Se hoje estimulado
De nobres sentimentos te preparas
Para me defender, eu te agradeço.
Velho e sem forças, da razão armado,

Não temo o corrompido Areopago;
Nem Anytos nem Mélitos me assombrão.

SCENA III.

Os ditos, Platão, e Appollodoro.

PLATÃO.

QUerido Mestre, as horas vagarosas,
Que passo sem ouvir sabios dictames
Dessa boca celeste, me atormentão.
Assim como de Phebo os igneos raios
Illuminão o mundo, teus talentos
As almas esclarecem. Como amaveis
Nos pintas sempre as sociaes virtudes!

CRITON.

Queira o Ceo proteger dias tão nobres,
Para os homens polir, dar leys ao mundo

APPOLLODORO.

Philosopho immortal, cuja doutrina
Quantos te precederão não sondárão.
No turbelhão de innumeros recursos
Da vasta natureza arrebatados,
Se esquecerão do homem, que devia
Polir seu coração agreste e duro.
Foi-lhes mais facil descobrir a origem
Das causas mais remotas, que domarem
Por sabias regras as paixões fogosas.
Huns na terra fixando agudas vistas
Descobrirão dos entes a armonia.

Outros alçando ao céo ôlhos audazes
O curso dos planetas calculárão.
Porem tu mais sublime e mais prestante
Foste beber de Jove a moral pura
Com que amigo aos mortaes enrequeceste.
E como págão elles teus excessos!

SOCRATES.

Meus queridos discipulos, deixemos.
Morder-se a inveja, e trabalhemos sempre
Por ser uteis aos outros; este o fito
A que o sabio encaminha os seus estudos.
Continuemos as lições sublimes
Da importante moral, demos ao mundo
Hum clarão luminoso, que desterre
Caliginosas sombras. Nós ficámos
Na ultima lição nesses deveres
Do homem para o homem, vamos hoje
Tractar esta questão util a todos.
Na cadêa dos entes, que sustentão
A armonia do mundo, o homem fraco
Não podia viver só isolado:
Tinha a luctar nas escabrosas selvas
Com possante leão, tigre ligeiro,
Mistiço leopardo, urso piloso,
Sagaz serpente, cobra venenosa.
Inimigo mais fero e mais temivel
Contra elle luctava, affogueado
De barbaras paixões, o homem éra
Do outro homem o mior flagello.
Oxalá, meus discipulos, que ainda
No meio das cidades mais polidas

Estragos repetidos se não vissem
Desta guerra cruel, que os homens fazem,
E que a sabia moral, tornando-os doceis,
Banisse para sempre dos seus peitos
As paixões, que de sangue a tera inundão.
A intemperie do ar, choque terrivel
Dos elementos, furacão medonho,
Acceso rayo, alluvião pasmosa,
Electrica materia comprimida
Nas entranhas da terra, seus abalos,
Sulphureas lavas de vulcões ardentes,
Tudo assustava a fraca contextura
Da humana natureza A sua infancia
Estupida, e de forças desprovida,
Exigindo dos pais longos cuidados,
Os fizerão pensar em seus int'resses:
Do proprio coração ouvindo as vozes,
Que tendem sempre ás sociaes maneiras,
Virão, que juntos superar podião
Dos brutos a fereza, oppor barreiras
Aos rudes elementos, que prestando
Mutuos soccorros, era menos dura
A vida de mil males combatida.
Attentos os motivos que attrahirão
O homem para o homem, he bem claro,
Que elles, deixando a liberdade agreste,
Se quizerão ligar p'ra ser felizes.
Teve amor grande parte em seus projectos;
Esta paixão nos corações rebenta
Logo que o homem sahe da rude infancia:
Della nasceo a candida amizade,

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

Que os laços aperton, que foi polindo
As naturaes maneiras. Demonstradas
As causas sociaes, vesse que os homens,
Por precisões ligados, só quizerão
Os commodos tirar, que lhes negava
A vida errante por umbrosas selvas.
Foi a primeira lei amar-se, e derão
Importancia ás lições, que n'alma escriptas
Forão por sabio auctor: jámais commettas
Contra teu similhante aquillo mesmo
Que não queres p'ra ti: moral sublime,
Onde se encerra o bem da humanidade.
He destes aphorismos, que a verdade,
Fallando ao coração, nos diz singella,
Que devemos amar-nos, sermos uteis
Aos nossos similhantes, soccorrellos
Nas suas precisões, dar-lhes conselhos,
Abrir os olhos da razão toldada
Por barbara ignorancia, aos desgraçados
Estender meiga mão, limpar as faces
Ao que afflicto derrama amargo pranto,
Sentir no peito a dôr do que a soppórta,
Finalmente cumprir os fins e a ordem
Das primitivas leis, que nos ligárão.

PLATÃO.

Como flue dessa boca a moral pura,
Dimanada do Ceo, e como os homens,
Oppostos entre si, tudo envenenão!
As doutrinas, que sabio nos ensinas,
Respeito aos Deoses, alto amor da patria,
São transformados por falazes monstros

Em negros crimes. Despotas, tyrannos,
Vis delatores impias mãos tem dado
Para roubar á vacilante Athenas
Seu mais brilhante e solido ornamento.

XENOPHONTE.

Eu conheço os perversos, quando a inveja,
O terror de seus crimes lhes lacerão
Os torpes corações, então ligados
Não duvidão perder o mundo inteiro.
Tu sancta moral, caracter firme,
Que seus atrozes vicios reprehende,
Lhes fazem sem cessar pungente guerra.
Querem perder-te, querem condenar-te!
Abandonemos pois a patria ingrata.
Não sejas inflexivel, vê que as horas
Deste dia fatal devem poupar-se.

CRITON.

Sim, deixa, caro mestre, o fóco horrivel
De negras dissenções, onde a virtude
Se accusa e se persegue. Os teus discip'los,
Os teus amigos vão acompanhar-te.
Em qualquer das cidades populosas
Da culta Grecia, ou pelo vasto mundo
Asylo nos darão povos mais doceis:
Entrarás em triumpho; já teu nome
He respeitado nas nações remotas.
Foge ao golpe fatal, que a intriga infame
Projecta desfechar sobre a virtude.

SOCRATES.

Deve o homem prezar mais que a existencia
Seu credito e decóro. Quem já vio

De settenta Janeiros baqueada
A rugosa cabeça sem que o medo
O pudesse assaltar, no fim da vida,
Quando mesquinha mão da natureza
Reclama o que emprestou, temor não sente.
Que poderão roubar-me esses tyrannos?
Meu nome, minha gloria?. Não!. Não podem!.
Somente escassos dias macerados
Por pesada velhice e por trabalhos
Ao cruel despotismo estão sujeitos.
Fugir!.. Infame acção!.. Tremer dos homens
Quem sómente de hum Deos teme os castigos!..
Não, bons amigos, Socrates, constante
Em seus principios, marchará sem susto
Ao mesmo cadafalso. Este edificio,
Já carcomido pelo tempo avaro,
He pesada prisão, onde se afflige
A miph' alma immortal, que Deos revoca.
Ah se eu for desgraçado entre os humanos,
Não vos quero fazer sentir meus males!
Poderei dar injusto em recompensa
A' mais terna amizade hum exterminio?
Não deixai-me descer, sem de remorsos
Sentir amargo peso, á sepultura.
Alli repousão em silencio eterno
Dôres crueis, cuidados desabridos.
Aos aproxes da morte só baquea
Perverso malfeitor. Vou já mostra-me
Aos meus concidadãos! Se for preciso
Intrepido e no mesmo Areopago
A voz levantarei! Adeus, amigos.

Nada póde roubar-me a côr do rosto,
Nem fazer-me bater no peito afflicto
Hum coração, que crimes não soppôrta. (1)

SCENA IV.

Os ditos menos Socrates.

PLATÃO.

SIgamos nosso mestre, em seus trabalhos
Sejamos companheiros, e á maldade
Vamos oppor huns corações de ferro.

XENOPHONTE.

Eu a vida lhe devo, e quero expôlla
Para a sua salvar. O homem grato
Quando paga o que deve, então respira
Desafogado e livre. Oh Deos superno,
O sabio, o justo, humano, e virtuoso
Tem direito sagrado ao teu amparo! (2)

---

(1) Vai-se.
(2) Vão-se.

SCENA V.

Xantippa só.

INflexivel mortal, homem mais duro
Que os marmores de Paros, teu caracter
Me assusta e faz tremer, pois desafia
O furor dos tyrannos, que hoje opprimem
A desgraçada Athenas. Feros males
Me pódem sobrevir deste consorcio.

ACTO II.

SCENA I.

Sala.

Mélito, e Anyto.

MELITO.

QUem poderá soffrer seu genio austero,
Sua philaucia, seu orgulho, infame?
Hypocrita sagaz, que á mocidade
Estende os laços para surprendella!
Que por dourados vasos lhe propina
Com mão traidora matador veneno!
Máo cidadão, as leis, que nos escudão
Contra oppressor funesto despotismo,
No frenesi de maximas perversas
Insulta e desaprova. Até blasfema
Dos patrios Deoses e lhes nega os cultos.

ANYTO.

Motivo mais urgente e mais temivel
Nos obriga a perdello. O pôvo escuta
Com affecto e respeito essa doutrina
A que chama moral: de dia em dia

De fanaticos vis a chusma engrossa.
Debaixo de apparencia de modestia
A soberba se esconde, a atroz perfidia
Dilata seu imperio, e por systema,
Dos outros reprehendem desabridos
As singelas acções. O bem de Athenas
Exige, que este louco a morte soffra,
Que seus sequazes sejão confinados,
Que de hũa vez a lei silencio imponha
A maximas perversas. Sem rebuço
Vamos pois accusallo, o seu processo
Fará tremer de horror os Magistrados.

ME'LITO.

Nosso credito publico de hum lado,
Do outro os crimes seus farão tal peso,
Que esmagada será desse orgulhoso
A encanescida revoltosa frente.
Já tenho contra elle suscitado
Poderoso partido, já me esperão
Nossos collegas para sustentarem
Minhas accusações. Farei que sinta
Inteiro Areopago horror tão forte,
Que sem mais escutar fulmine a pena,
Que os Deoses desafronte, as leis, e a patria.

ANYTO.

Vamos, amigo, e conta que a victoria
Havemos de alcançar. Murmura Athenas
Do systema de hum louco, que projecta
Os homens reformar com leis austeras.

ME'LITO.

O que regeita o coração sensivel

Não o pode domar. Da-se o veneno
Misturado no mel. A mão que affaga
Seguro golpe descarrega em tempo.
No mundo a illusão tem vasto imperio.
O que melhor esgrime da impostura
As fraudulentas armas, mais seguro
Attinge o fio seu e toca a meta.

SCENA II.

Os ditos, e Xenophonte.

XENOPHONTE.

PErdoai-me, Senhores, este excesso.
Talvez venho roubar-vos algum tempo,
Que ao bem da patria consagrais zelosos:
Porém meu coração, que nunca pôde
Contrariar seus justos sentimentos,
Me compelle a fallar-vos n'um negocio,
Que de perto o magoa. Sois honrados,
Por tanto não duvido francamente
Abrir meu peito, desejando achar-vos
Propicios á virtude, que a calumnia
Pertende soterrar com braço ousado.
Quanto custa fingir-me! Mas importa (1)
Destes monstros sondar o peito infame.

MEʼLITO.

Eis hum sectario vil! Dissimulando

(1) A' parte.

Talvez descubra intriga cavilosa. (1)
Nosso dever obriga a que sejamos
Protectores daquelles que gemendo
Sopportão oppressão. Sempre á virtude
Se deve consagrar alto respeito.

ANYTO.

Fazer justiça, proteger virtude,
Punir o crime são dos Magistrados
As leis primeiras, o dever mais justo.
Já que nos vens trahir bebe o veneno. (2)

XENOPHONTE.

He sobre taes principios que eu me atrevo
A descobrir-vos a cabala infame,
Que quer perder hum cidadão honrado,
Que em serviço da patria já vertera
Quente sangue da fresca mocidade.
Diga-o eu, que mil vezes vi seu braço
Fatal aos inimigos arrancar-lhes
Os cubiçosos louros, que se fallo
Em seu abono he porque devo a vida
A' sua intrepidez. Foi Magistrado,
Honrou a Tóga, e nunca lhe vergára
Na mão constante a vára da Justiça.
Foi o terror do fero despotismo.
Arrancou a innocencia perseguida
Do meio das intrigas populares,
E fez cahir as pennas que tremião
Nas mãos de seus collegas aterrados.

(1) A' parte.
(2) A' parte.

Premiou o valor, impoz silencio
Ao barbaro alvoroto. Que hoje mesmo,
Já coberto de çãas, em seu retiro,
Habitação da solida virtude,
Ainda he mais prestante e mais amavel.
Alli ensina as regras tão sublimes
Da importante Moral, cuja sciencia,
Polindo os corações, prepara os homens
Para se amarem, serem virtuosos,
Uteis á patria respeitando os Deoses.
Deste quadro fiel, que vos exponho,
Traçado pela mais pura verdade,
Já vedes, Magistrados, que vos fallo
De Socrates heroe, que a patria deve
Estatua levantar qual outro Nume.
Quando deixou de perseguir a inveja
O homem virtuoso! Os seus serviços,
Seu caracter, que os vicios dominantes
Severo reprehende, suscitárão
Negra conspiração. Homens comprados
Vão hoje mesmo transmutar altivos
Em crimes a virtude. Vós, que tendes
Tanta influencia em nosso Areopago,
Colebrai vosso nome, defendendo
Contra a calumnia a candida innocencia:
Perorae em favor de hum velho honrado:
Confudi aterrai a infame intriga:
Que a sabia imparcial posteridade,
Dando altos cultos ao heroe de Athenas,
Vossos nomes fará sempre lembrados.

THE UNIVERSITY OF

Me'lito.

Não he o Magistrado quem condena
Nem absolve o réo, a lei jurada
He quem marca ao delicto a justa pena.
Per si mesma a innocencia se defende.
Aquelle que projecta com seus rogos
Dobrar os corações dos Magistrados
He porque teme a lei, e sente o peso
Do feio crime que esconder pertende.

Xenophonte.

Dizei-me, sem turbar-vos de azedume,
Esses mesmos Juizes não são homens?
Não sentem das paixões a iniqua guerra?
Não podem illudir-se, e cegamente
Controverter a lei? Não póde o justo,
Opprimido da intriga e da vingança,
Subir ao cadafalso? Quantas vezes
Tem gemido de horror a humanidade
Na presença feroz de taes sentenças!
He criminoso ao Magistrado, que ama
Seu similhante, descubrir a origem
Da negra accusação, e sabio e recto
Perorar em favor do que gemendo
Em seu auxilio a mesma lei reclama?

Anyto.

Não he aqui que devem discutir-se
Importantes questões: he no supremo
Severo Areopago que a Justiça
Exerce o seu dever; quem for culpado
Tema seu gume. Em frivolos debates
Perder o tempo he proprio dos que passão

Em cousas futeis languida existencia.

XENOPHONTE.

Já percebi o fel dos teus discursos.
Dize-me pois, ó Anyto fingido,
Conheces Xenophonte? Sabes que elle,
Tanto que pôde sopportar o peso
Das coruscantes armas, sempre a patria
Intrepido servio? Que o seu sangue
Os loureiros regou, a cuja sombra
O grande Areopago se abrigára?
Que em publicos empregos tem mostrado
A sua adhesão ao bem de Athenas?
E que hoje mesmo, pôsto que curvado
Pela pesada mão do tempo adusto,
Se inimigos ferozes se atrevessem
A pisar o seu berço natalicio,
Com braço pela honra vigorado
Faria recordar dias virentes
Da robusta incansavel mocidade?
O nome que hoje goza he doce fructo
De seus serviços. Nunca ao cego acaso
Deveo favores; nem soffreo insultos.

ME'LITO.

Não só Athenas mas a Grecia inteira
Conhece o teu valor. Nós respeitamos
Em ti hum cidadão honrado e nobre:
Porém teu mer'cimento não deslumbra
A nossa obrigação. Agros discursos
Só servem de indispor. Não concilia
Meiga affeição o genio furibundo.

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

ANYTO.

Se eu quizesse altercar podia agora,
A mascara arrancando á hypocrisia,
Segredos, que a minh' alma guarda oppressa,
Patentear á luz: porém, sensivel
Sómente o bem da patria, a força emprégo
Para affastalla do profundo abysmo,
Onde a querem levar. Se o meu conselho
Quizesses acceitar, eu te diria,
Que fosses mais prudente e mais tranquillo,
Que se o homem por quem tanto te empanhas
He innocente e justo, os Magistrados,
Que hão de decidir dessas doutrinas,
Tambem são rectos, sabios, incorruptos.

XENOPHONTE.

Criado desde a infancia entre os estrondos
Da guerra e dos combates, tendo affeito
Meu coração a usos mais singelos,
Tendo aprendido aquella phil'sophia,
Que illumina a razão e forma os homens,
Aborreço da intriga e da lisonja
Tortuósos manejos. Teus conselhos
Não me farão calar. Quem deve paga.
A já cançada vida quero expolla
Nos braços d' amizade. O homem justo,
Opprimido da intriga e da cabala,
Tem direito a esperar das almas nobres
Segura protecção. Se os vossos votos
Vos cobrirem de infamia, condenando
A virtude ao supplicio, tremei impios
Da justiça do Ceo, dessas espadas,

Que honrados cidadãos jámais tirárão
Sem a affronta vingar que o peito opprime. (1)

SCENA III.

Os ditos.

ANYTO.

QUe fachos luminosos taes discursos
Lançárão sobre os crimes! Muitas vezes
Nos arrojos de hum genio arrebatado
Se descobre a traição. Esse orgulhoso
Medita sedições, e se conjura
Contra as leis, contra nós; vamos perdello.
Esta raça empestada se dissipe
Pelo robusto braço da Justiça.
Xenophonte insultou-nos, teve a audacia
De ameaçarnos, somos magistrados,
Em nós as leis da patria se offenderão.
Marchemos a punir destes rebeldes
Atrevidos projectos. He de longe
Que o nauta se acautela e ferra o panno.

ME'LITO.

Vamos prudentes sem acelerarnos.
Xenophonte, que tem servido a patria,
Que a fronte já cingio em verdes louros,
De alta contemplação goza entre o pôvo:
Não vamos complicallo. Desfechando

(1) Vai-se.

Seguros golpes só sobre a cabeça
Do detestavel Socrates, cahindo
Este hypocrita vil, verás que os outros
Sem murmurar se esconderão tremendo.

ANYTO.

Já vejo que não sentes das injurias
O cruel azedume. Xenophonte
He igualmente réo, declama e falla
Em vingar-se de nós, não duvidando
As armas impunhar, trazendo a Athenas
Negros dias de horror de pranto e lucto.

ME'LITO.

Não formemos partidos: nossas vistas
Sejão sómente á morte desse monstro
Que a moral lhe ensinou, e pouco a pouco
Iremos extinguindo estes audazes.

ANYTO.

Vamos pois a animar nossos collegas.
Aos que ainda vacillão extorquir-lhes
Comprados votos. Do preverso a morte
Façamos hoje mesmo decidir-se.

ACTO III.

SCENA I.

Casa de Socrates.

Socrates, e Lysias com hum papel na mão.

SOCRATES.

HE cheio de eloquencia o teu discurso,
Patheticas imagens nelle brilhão,
Da suave armonia o som cadente
As almas arrebata: mas, amigo,
He inutil p'ra mim. Se me offertasses
Calçado sicyonieno, que hoje a moda
Da verde mocidade adopta e usa,
Eu não acceitaria, por improprio
De hum philosopho velho, que medita
Em cousas mais sublimes. Marca o tempo
As estações da vida; o rude inverno,
De gelos carregado, já me opprime.
Não pertendo mover pela eloquencia
De meus juizes corações comprados.
A verdade he singela, e não precisa
De infeites caprichosos. Serei breve,

Direi o que dictar minha innocencia.

LYSIAS.

Teu caracter seguro nos principios
Da honra e da verdade, que não sabe
Dobrar-se á vil lisonja, he quem revolta
Esses monstros da inveja devorados.
He forçoso aplacallos: não irrites,
Mostrando intrepidez, homens ligados
Para perder-te: finge que respeitas
A sua auctoridade. Não se abate
Teu nobre coração com meu discurso.
Encantando a eloquencia mais sublime
Nossos ouvidos, vai ligeira e meiga
Minar os corações, adoça os agros
Terriveis sentimentos, duros peitos
Embrandece e commove, muda a furia
Das accesas paixões em brando tracto.

SOCRATES.

Conheço quanto póde hum artificio.
Estudei a Rethorica, que ensina
Ess' arte de mover pela eloquencia:
Porém nesta questão de armas tão fracas
Não me quero servir. Contra a calumnia
Tenho escudo mais forte. Esses perversos
Na presença de cãas nunca manchadas
Hão de perder a côr; e meus discursos,
Sem serem estudados, com mais força
Me farão triunfar. Meu caro Lysias,
Deixa-me só no campo, que aterrados
Verás pela verdade esses infames.

LYSIAS.

Enganas-te, meu Socrates, se fazem
Crime do teu valor, se os teus principios
Da mais sancta moral são contemplados
Por negras sedições, se os teus discursos,
Que os vicios reprehendem, lhes revoltão
Paixões devastadoras, como queres,
Seguindo o mesmo plano, em campo aberto
A victoria ganhar. São teus juizes
Homens de corações já depravados,
A quem só heroismo, honra, e virtude
Não podem commover. Acceita a offerta
Que a minh' alma te faz grata e sensivel.

SOCRATES.

Meu doce amigo, Socrates não sabe
Nem fingir-se, nem ser ingrato áquelles
A quem deve amizade desde a infancia.
Cheio de gratidão, tendo a minh' alma
Banhada de prazer, a offerta acceito: (1)
Mas não para servir-me em tal defesa.
Este heroico papel ha de arrostar-se
Contra os insultos do voluvel tempo,
E por entre os nobiferos futuros
Passar a novas estrangeiras gentes.
Inda mais que eloquencia hão de prezar-se
Os puros sentimentos que o dictárão.
E se á amizade se erigirem templos,
Elle a ara será de seus altares.

(1) Recebe o papel.

LYSIAS.

Eu me retiro cheio de amargura,
Prevendo consequencias mui funestas
Do systema que adoptas. Quem conhece
Destes fallazes monstros a perfidia,
O poder da traição, do despotismo,
Procura subtrahir-se, e não se arroja
Com imprudente audacia ao centro horrivel
De accesos conjurados. Mais tranquillo
Medita sobre os homens, desenvolve
A força das paixões, teme os tyrannos. (1)

SCENA II.

SOCRATES.

INgratos cidadãos, preversa Athenas,
Areopago injusto, os meus serviços,
Meus assiduos trabalhos em mostrar-vos
Da sabia philosophia a recta estrada,
Só merecem por premio ser tratado
Como vil malfeitor? Em meu retiro,
Separado de tudo o que podia
Distrahir-me o espirito, fui alvo
De vossos tiros! Em que sou culpado?
He criminoso ao cidadão amante
Da sua patria demonstrar abusos
Origem de mil males? Dar ao homem
Ideas de hum espirito celeste,

(1) Vai-se.

Que nelle opéra, pensador profundo,
Superior á materia, que não morre,
E outra vez reverte ao seio amigo
De Eterno Ser, e donde dimanára;
Tirar dentre o tropel de infames vicios
Illesa a Divindade, e collocalla
Sobre seu Throno de virtudes cheio,
E de altos attributos esmaltado?
Os homens são as feras mais temiveis
Que existem sobre a terra! Devorados
De innumeras paixões vivem luctando,
Seu natural estado he sempre a guerra.
O' Tu Architector de immensos mundos,
Que rodão pelo espaço sem chocar-se,
Unico e Grande Deos, que na minh' alma
Só cultos tens, recebe os puros votos,
Que em segredo te offerto! Não supplico
Mais longa duração, pois fatigada
De luctar com paixões sempre rebeldes
A minh' alma suspira por aquelle
Tranquillo estado de prazer celeste:
Porém, Supremo Ser, anima a fragil
Humana natureza, dá constancia
Ao coração de Socrates, confunde
Com teus brilhantes raios a impostura,
Salva dentre a calumnia o nome e a fama
Daquelle que hoje accusão, porque ensina
Tua sancta moral, porque ama os homens;
Não consintas que fique misturado
Entre vis criminosos quem respeita
Teu Ser e tuas Leis; desterra os vicios

Do actual governo; a paz concede. (1)
Continuemos a escrever sem susto
Desta nova sciencia as leis sagradas.
Tempo virá que os homens inda prezem
De meus escriptos a moral sublime. (1)

SCENA III.

Socrates, Platão, e Appolodoro, no fundo do Theatro.

PLATÃO.

VEde como tranquillo e sem remorsos
Seus sabios pensamentos desenvolve,
Deixando-nos alli thesouro immenso.
Eis o puro caracter da innocencia.
Quando os crimes não fazem dura guerra,
Embora se levante a tempestade,
Que o homem virtuoso he qual rochedo
Escarpado no meio desses mares,
Que zomba dos insultos espumosos
Das bramidoras vagas, quando agita
Seu cristallino seio Eolo irado.

CRITON.

Sinto partir-se o coração de magoa,
Vendo a perfidia com que os vis ministros
Pertendem denegrir a marcha heroica

(1) Assenta-se.
(2) Escreve.

Deste immortal varão. Gentes vindouras
Estatuas lhe hão de erguer, prezar seu nome.

APPOLODORO.

Reparai no semblante, que demonstra
A paz do coração. Como applicado
Os planos traça de adoçar costumes
Nascidos de paixões sempre fogosas.
Athenas corrompida não merece
Este heroe possuir. Climas estranhos
Vão receber benefica influencia
Deste astro luminoso. A negra inveja
Mordendo dilacere os torpes membros.

SOCRATES.

E podem taes principios suscitar-me
Hum tropel de assassinos? Quem pudera
Trazer os homens todos á virtude!
Desta maneira só da vida os males
Serião menos duros! Vamos firmes,
Que a verdade ha de ter cultos eternos.

PLATÃO.

Que nobres sentimentos, caro mestre! (1)
Sempre os dictames teus são leis sublimes.

SOCRATES.

Amigos, vinde, ouvi-me! Talvez possão
Accesos conjurados condenar-me,
Mais depressa que a voz da natureza,
A' fria sepultura: em quanto a lingoa
Seus usos pode ter quero instruir-vos.
Só vos rógo, por paga dos trabalhos,

(1) Encaminhão-se para Socrates.

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

Não vacilleis na estrada da virtude.
Segui essa doutrina, que sem susto
Vos ensinei, até os derradeiros
Momentos da existencia. Pódem duros
Tyrannos truculentos conjurar-se
Contra o homem de bem, e contra o sabio;
Porém o coração, onde a virtude
Reside, he sobranceiro aos seus ataques.
Não he a nossa patria sobre a terra;
Aqui tudo he caduco e tudo morre.
He na côrte de hum Deos sublime e justo
Que as almas vivem em prazer eterno.
No centro escuro de tremendos crimes,
Que sempre luctão em perpetua guerra,
Vão habitar interminaveis tempos
Aquellas dos tyrannos, dos perversos,
Que flagellárão com crueis maneiras
A candida innocencia. Se me vires,
Levado pela mão da intriga infame,
Subir ao cadafalso, o meu triumpho
Cantai saudosos de quem sempre amára
De seus discipulos grata companhia.
As lagrimas, que vedes borbulhando,
Não sáo nascidas do pavor da morte:
Nunca a soube temer; sempre, escudado
De meus principios, desprezei seus golpes;
São de brandas paixões suave effeito,
Fa-las soltar amor, saudade, int'resse
De vosso summo bem. Dizei aos homens,
Que Socrates morreo porque os amava.

CRITON.

Meu coração sensivel não resiste.
A' mais tocante scena. Vejo o homem
Constante e virtuoso perseguido
Por seus concidadãos, porque intentava
Abusos reformar; e quando a offensa
Lhe chega ao coração, então derrama
Em transportes de amor lagrimas ternas.

APPOLODORO.

Essa philanthropia ha de elevallo
Qual outro Semideos. Seu nome intacto
Do negro pó do turvo esquecimento,
Por entre os évos passará ovante
A longas gerações, e com respeito
Será sempre saudoso e sempre amado.

SOCRATES.

Os vossos elogios, só nascidos
De puros sentimentos de amizade,
Não me deixão temer o espesso fumo
Da seductora pertinaz lisonja.
Sei a classe feliz que me compete
Nos tenebrosos tempos do futuro.
Não pertendo deixar hum nome eterno
Entre os homens por ter, brandindo a espada,
Mandado ao reino de Plutão sombrio
Immensos manes, que Acheronte assustem:
Nem por ter conquistado alheas terras,
Populosas cidades arrasando,
E sobre incultos pantanosos campos
A meu nome erigir outras soberbas.
Não aspiro a que a Fama, muitas vezes

Illudida, decante os meus trabalhos
Na classe dos heroes, nem que os vindouros
Philosopho me chamem, pois não sigo
Affectados systemas. Se durarem
Minhas memorias, hão de ser levadas
Nas azas dos desejos mais ardentes
De ser util aos homens. Meus discursos,
Tendentes á moral, que adoça os ugros
Rebeldes corações, quando se lerem,
Excitarão nas almas mais sensiveis
Brandos affectos, corrigindo os vicios.

PLATÃO.

Pois que base mais solida pertendes
A teu nome erigir? Quem segue a estrada
Da virtude e saber, que tens trilhado,
Supplanta a morte e vive eternamente.
Eu, que te devo as luzes que illuminão
Minh' alma agradecida, em meus escriptos
Te farei adorar por quantos lerem
As obras de Platão, que muito préza
Ter de ti aprendido o que he sublime.

SOCRATES.

Vamos pois a tratar do que he mais util.
Eu escrevia agora os pensamentos
Que as minhas circumstancias me dictavão.
Não me quero julgar justo e sem crimes
Na presença de hum Deos, que vê minh' alma:
Porém nas relações entre os humanos
Torcedores remorsos não me affligem.
Nunca offendi alguem, as leis respeito,
Fiz sempre o bem que pude, e dei á patria,

Quando a vi atacar, parte do sangue.
Mas reparando, que mil vezes vemos
Gemer oppressa pela vil maldade
A singela virtude, e sobre o throno
Elevar-se a soberba, o despotismo,
Calcando aos pés o misero innocente,
Eu me convenço, firme na existencia
De hum Ente bemfeitor e justiceiro,
Que além da morte vivem nossas almas,
Que os bons alcanção premio dos trabalhos
Da procellosa vida, que os tyrannos,
Tendo gozado de opulencia nfana,
Vão seus crimes pagar em pena eterna.
De outro modo não podem combinar-se
Attributos de hum Deos. Se o crime fosse
Impunido e feliz, se perecessem
C' os córpos nossas almas juntamente,
Quanto ganho não fora p'ra os perversos!

SCENA IV.

Os ditos, e Xenophonte.

XENOPHONTE.

MEu Socrates, meu caro e terno amigo,
Não ha tempo a perder, rouba á vingança
Teus dias innocentes. Dos tyrannos
Os atrozes projectos não escapão
Aos olhos d' amizade. Congregou-se
Extemporaneamente esse aleivoso

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

Protervo Areopago, e teu processo
Vai hoje a discutir-se: os dous infames
Anyto, e Mélito, á vingança entregues,
Tem sobornado indecorosos votos
De seus froxos collegas. Se não foges,
Bem depressa serás victima triste
Desta espantosa barbara caballa.

SOCRATES.

Fugir!.. Inda repetes desse nome
Os discordes accentos? Não conheces
O coração de Socrates? Quem muda
Facilmente o caracter, ou he fraco,
Ou quer trair. Athenas foi meu berço,
Athenas me ha de dar a sepultura.

XENOPHONTE.

Pelo menos occulta-te: vejamos
Como esta tempestade desenvolve
Seu horrido apparato; he da prudencia
Hum saudavel dever: salvar a vida
He das primeiras leis da natureza.

SOCRATES.

A prudencia tambem escuda aos fracos;
E a vida salvar por modo infame
He excessivo amor só da existencia.
Já tenho assaz vivido, e na virente
Alegre mocidade, onde os prazeres,
Os dias folgasãos, vigor, saude,
Concorrem a fazer mais doce a vida,
E mais prezada a duração do homem,
Nunca a pude antepor ao meu decoro,
A' honra, e ao dever. Tinha motivo

Para deixar Athenas sem manchar-me
De profugo e cobarde. Alto convite
Desse famoso Rei de Macedonia,
Immortal Archelao, me franqueava
Sua corte e palacio; bem podia
Sem desdouro acceitar deste Monarcha
As mais vivas offertas: mas não quero,
Pois não posso pagar-lhe os seus favores,
Nem devo retirar-me quando a intriga
Me chama a desafio e quer combate.

PLATÃO.

Pois julgas ser indecoroso ao homem
Acceitar o convite de hum Monarcha
Que prèza os sabios, que a virtude asyla:
Olha que estes Sob'ranos são bem raros,
Devemos adorallos quaes dos Numes
Immanação celeste. Deixa Athenas
Ingrata e corrompida. Em Macedonia
Vai espalhar as luzes transcendentes
De teu gênio sublime. Muitas wezes
Sobre terreno alheio mais vigora
E cresce a planta de apartado clima.

SOCRATES.

Não ha forças, amigos, que convenção
Meus seguros principios. Sem mancharme
De froxo e de cobarde já não posso
Deixar meus inimigos, que farião
Hum crime desta acção, talvez mais justo
Que os outros que a traição tem suscitado.
Archelão he hum Rei, Socrates pobre
Não deve contrair dividas grandes

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

Com taes credores, pois pagar não póde.
Celeste Providencia, que vigia
Sobre a innocencia, prestará soccoros
Para aterrar a barbara caterva
Dosses comprados vis accusadores.

SCENA V.

Os ditos, e Xantippa.

XANTIPPA.

FInalmente chegou aquelle instante,
Que tanto me assustava! Nossa casa
Está toda cercada! Dos soldados
As armas lampejantes diffundirão
Pavoroso temor dentro em meu peito!
Eis o premio alcançado das manias
Da celebre moral! Meus vaticinios
Bem depressa se virão comprovados!

SOCRATES.

Porque te assustas, cara companheira,
E queres azedar com teus discursos
Mais o meu coração? Sou perseguido
Porque ensino a verdade, e deste crime
Não me sinto tremer, nem temo os homens
Do mundo inteiro contra mim ligados.
Venhão embora durgs arrancar-me

Da pobre casa, dos mimosos braços
Da mais pura amizade. Os meus escriptos
Por mim hão de fallar agora e sempre.

SCENA VI.

Os ditos, Micio, e Soldados.

MICIO.

DE Athenas os sublimes Magistrados,
Iuntos em consistorio, me ordenárão
Te conduzisse alli em breves horas.

SOCRATES. (1)

Eu parto já. Ninguem he mais submisso
A's ordens de quem rege a vara augusta
Do suprema Justiça. Mas bastava
Simples annuncio. Para hum pobre velho
São precisos soldados que o conduzão
Ao lugar que conhece, pois já fôra
Magistrado tambem? Não: retirai-vos.
Eu não sou criminoso, nem preciso
Quem me ensine o caminho aos meus deveres.
Se não chegar primeiro, he porque os passos
Cançados annos tem enfraquecido.

(1) Levanta-se.

MICIO.

Bem me custa, Senhor, não ser mais docil
Em annuir da honra á voz sonora;
Porém ordens severas me ligárão
A' dura execução. Entre os soldados
Deveis ser conduzido, para que Athenas
Em publico espectac'lo reconheça
Que não ha distinções onde ha delictos.

SOCRATES.

Delictos! .. Quaes os meus? .. be crime a honra?
Os homens instruir, dar leis saudaveis,
Debellar a ignorancia, ao fanatismo
Lançar cadeas, preparar á patria
Prestantes cidadãos, estes serviços,
De alta monta, só podem ser chamados
Delictos pelas almas mais infames.
Eu já vou face a face a meus contrarios
Aterrar, confundir. Negra calumnia,
Por delactores vis só fabricada,
Tem preparado a Socrates constante
O dia do triumpho mais augusto.
Eu vos supplico, ó Micio, retirai-vos:
Não mancheis minhas cãas. Não diga Athenas
Que sou rebelde, que tremi dos homens.

MICIO.

Eu não posso ceder sem ser culpado.
Entre os soldados devo conduzir-vos:
Taes ordens recebi, hei de cumprillas.

XENOPHONTE.

Executor cruel inexoravel
Dos atrozes decretos desses monstros

Que a patria imbécil arrancou da urna
Do tremendo escrutinio! Não te movem
As supplicas de hum homem perseguido,
Que não teme, nem foge a seus contrarios?
Da honra e do dever as leis sagradas
Respeita hum dia. Xenophonte agora
Por Socrates responde, e vai seguir-te.

MICIO.

Ah, se não fora ao grande Xenophonte,
A quem respeito como heroe da patria,
Prompta resposta, que tremer fizera,
Daria agora! Sou soldado, e tenho
Obrigação de ser fiel ás ordens
De nossos Magistrados. Quem me increpa
He quem da profissão rigido exemplo
Sempre esta lei dictou a seus soldados.

SOCRATES.

Meu Micio, tens razão. Neste momento
Xenophonte esquecido de Mavorte
Só fallou pela boca d' amizade.
Louvo teu zelo; não compete áquelle
Da tua profissão sondar se as ordens
São duras e crueis, he só cumprindo-as
Que exerce o seu dever, e fica airoso.
Vamos pois, que o rigor da tyrannia,
Os apparatos do supplicio mesmo,
Os homens não infamão, he dos crimes
Que os opprobrios lhes vem; se for-mos justos,
Seremos sempre da vileza intactos.
Adeos cara consorte, adeos amigos!
Eu parto a debellar a intriga infame.

A verdade he qual luz que não consente
Espessa nuvem que lhe roube o brilho.
Confio na justiça, que inda reina
Nalguns dos corações que hão de julgar-me,
E mais que tudo no poder daquelle
De quem he filha tão mimosa e cara. (1)

SCENA VII.

Os ditos.

XANTIPPA.

AH, não desampareis hum desgraçado!
Se o poder d'amizade em vós desperta
Heroicos sentimentos, hide affoutos
Esse homem proteger, cuja imprudencia,
Em paixões atacar, tem sido a origem
Dos males que o opprimem. Veja Athenas
Que os desgraçados podem ter amigos.

XENOPHONTE.

Moderai vossa dôr, que a vil calumnia
Não ha de supplantar o heróe de Athenas.
Eu parto a defendello, e contra os impios,
Que querem denegrir altas virtudes,
Serei raio terrivel! Quem não teme

(1) Socrates, Micio, e soldados, vão-se.

He temivel contrario! Talvez hoje
Cahia por terra este colosso infame.

PLATÃO.

Nós vamos secundar-vos. Nossas vidas
Exporemos na mais justa defensa.
O Ceo, que o inspirou, ha de vingallo,
E nós faremos que seu nome eterno
Por longas gerações seja adorado.

ACTO IV.

SCENA I.

Sala do Areopago magnificamente adereçada, e guarnecida de soldados. Os Areopagitas assentados em roda de hũa grande mesa.

ANYTO. (1)

COntem este processo os mais atrozes
Delictos de hum mortal. A patria treme
Na presença de hum monstro que projecta,
Corrompendo a inexperta mocidade,
As leis fundamentaes da sabia Athenas
Fazer cahir, e levantar altivo
Sobre suas ruinas taes chimeras,
Que farião nadar em sangue os lares
Que nos virão nascer. Manda a prudencia,
A segurança publica, a justiça,
Os juramentos, que prestado havemos
De manter sempre illesa a integridade
De nossas patrias leis, que este perverso
A morte soffra, suffocando a origem

(1) Folheando os papeis.

De negras dissenções. Sabios Juizes,
Vós já sabeis que o réo foi condenado
A não contaminar com seus discursos
A tenra mocidade. Por vingar-se,
Insulta os Magistrados, declamando
Contra a justa illeição, que escuda Athenas
Da oppressão dos tyrannos. Té blasfema
Dos Deoses Immortaes! Seitas inventa,
Dizendo que hum espirito celeste
Lhe falla ao coração! Quem isto ensina
He réo de alta traição, merece a morte.

MELITO.

Accresce mais, que instrue os seus discipulos,
Que já são muitos, num systema novo,
A que chama moral. Diz, que dos Deoses
Enviado lhe foi celeste rayo
Para o mundo aclarar. Falla em principios
Oppostos á razão e ao bem do estado.
He fanatico vil. Tem espargido
Com mão traidora da cruel cizania
A barbara semente. Se a cabeça
Deste orgulhoso não cahir por terra,
Depressa os corações contaminados
Nos farão succumbir. Este aleivoso
He mais temivel que a cruenta guerra,
A peste matadora, a magra fome.

PHROMIO.

Ouça-se o réo, escute-se a defesa,
Que tem a oppôr aos crimes que lhe imputão;
Depois decidiremos com justiça
Se penas lhe compete, ou se he innocente.

ANYTO.

A' vista do processo, cujas provas
Ás mais exuberantes se apresentão,
A' vista deste numero crescido
Das mais conspicuas rectas testemunhas,
Que dirá o impostor? Não precisamos,
P'ra condemnallo, de escutar seus loucos
Insensatos discursos. Nestes crimes,
Aonde periga a patria, he necessario
Prompto castigo, que affugente os males.

PHROMIO.

He justiça, he dever, he do direito
Publico, e natural, que os Magistrados
Escutem circumspectos quanto póde
Produzir em defesa hum réo oppresso.
Sem faltar-se á justiça, á humanidade,
Não se deve julgar sem ser ouvido
O miseravel réo. As provas devem
Ser claras como a luz do sol brilhante:
Oxalá que mil vezes não tivessem
Compradas corrompidas testemunhas
Levado ao cadafalso afflicta e presa
A candida innocencia! Meus collegas,
O réo, que hoje se accusa, tem direitos
A' mais séria attenção. Vestio a toga,
As armas impunhou, servio a patria.
Na importante questão, que hoje se tracta,
Não nos precipitemos. Tudo he pouco,
Quando se falla de mandar á morte
Hum cidadão de Athenas. Nos semblantes
De todos vós eu vejo reluzindo

A justa convicção destas verdades.

ANYTO.

Eu vejo só nos que amão da justiça
As leis severas contra hum réo de estado
Brilhar a indignação que n'alma ferve!
Quem podia julgar que Phromio ousasse
Perorar em defesa de hum rebelde,
Que tudo insulta em seu furor terrivel!
Que a negras sedições compelle o pôvo!
Que mete o facho da cruel discordia
Nas mãos da mocidade! Tudo he pouco,
P'ra punir hum traidor de taes delictos!

PHROMIO.

Quem podia julgar que hum Magistrado
Se visse ao mesmo tempo revestido
Dos oppostos estranhos caractéres
De parte e de juiz! As leis prohibem
Das atrozes paixões manejo injusto.
Quem vai julgar só deve ter em vista
A justiça, a verdade, as leis, e a honra.

ME'LITO.

Eis o que nos obriga a ser severos!
Que esperaes, ó Juizes, se impunidos
Vogarem taes systemas? Muitas vezes
As penas atrevidas tem causado
Mais damnos mais estragos que a terrivel
Desoladora guerra. Hum visionario,
Hypocrita sagaz, vai pouco a pouco
Nos debeis peitos entornando astuto
Seu perverso veneno, e quando julga
Ter consistencia em partido infame,

Faz rebentar hũa expulsão pasmosa,
Que até aos alicerces arruina
Os mais fortes estados. Quem governa
Deve ser previdente e justiceiro.

DE'VO.

Phromio não diz que vaguem impunidos
Atrozes crimes impestando a terra,
Nem dos discursos seus he consequencia
Que se asyle a maldade. Quer sómente
Que se execute a lei, que o réo se attenda,
Que se analyse com vagar com sensu
O presente processo, que o systema,
Que tanto faz temer, se exponha aos olhos
Da sabia Phil'sophia. Eu me convenço
Que estes principios são nas leis fundados.

PHROMIO.

Quando não fossem nellas positivos,
Pedia o coração que assim se obrasse.
Condenar por paixões hum réo á morte
He obra dos tyrannos, que desprezão
A oppressa humanidade, e sacrificão
Ao barbaro pendor victimas tristes.
Nós temos leis!.. E leis que nos obrigão
A respeitar direitos mui sagrados,
Que a natureza dá!.. Este o meu voto.

ANYTO.

Vós me offendeis, julgando que eu accuso
Socrates cidadão porque em meu peito
Arde inveja e rancor. Porque principio
Hum velho miseravel me podia
Suscitar taes paixões? O bem do estado,

O publico socego, só me obrigão
A delatar-vos seu systema infame.

PHROMIO.

Pois vós sois delator? Hum Magistrado
Póde cobrir-se de tão negro opprobrio?

ME'LITO.

Como sois delicado, e como os impios
Vos devem affeição!.. Quando se tracta
De vingar nossas leys, vingar os Deoses,
Tudo a que isto conduz he proprio e justo.

PHROMIO.

He ao vosso systema que eu não posso
Moldar o coração. Poupai-me aos crimes
Que quereis inspirar!.. O réo se escute.

DE'VO.

Eu sigo a opinião de meu collega.
E reclamo em favor do réo, que accusão,
A natureza, as leis, o uso, e a ordem.

LICON.

Não hajão dissenções, nem se consuma
O tempo precioso em vãos debates.
Que Socrates he réo ninguem duvida.
Que insulta as nossas leis, que desaprova
O culto dado aos Deoses, que lhes nega
Sublimes attributos, que pertende
Ser inspirado por poder celeste,
Que he fanatico vil, e que corrompe
A imberbe mocidade, são verdades,
Que se não podem contestar sem crime
De atroz parcialidade. Mas se julgão
Que indispensavel he que o réo se escute,

Porque a lei o permitte, eu, que sustento
A sua integridade contra os impios
Destructores systemas, que a maldade
Tem suggerido, digo, que se chame,
Que á face dos delictos se convença
O sophista orgulhoso, e que a sentença
Seja dada segundo a lei prescreve.

PHROMIO.

Depois que sou Juiz, que tenho a honra
De sentar-me entre vós, depois que os crimes
Na severa balança se pesárão
Da imparcial Justiça, jámais houve
Hum processo em que o odio declarado
Luctasse mais feroz: quanto he estranha
Ao Magistrado esta paixão violenta!
Instruido sómente pela fama,
Pela voz popular, que tem soado
Em meus ouvidos, sei, que o pertendido
Criminoso possue em gráo sublime
Brilhantes qualidades, que o adorão
Quantos escutão a moral que ensina.

LICON.

Vós mesmo de seus crimes declaras-te
O mais nefando!.. Com fingidas vozes
De capciosa singular virtude
Este hypocrita chama ao seu partido
O pôvo imbecil. Sendo aristocrata
Finge approvar as leis, que destruirão
Essa hydra fatal, que devorava
A patria mesta, reprovando astuto
Providente escrutinio, que só póde

Igualdade manter. Audaz prepara
O pôvo a sedições, que tem tramado.
Se este monstro não deve ser punido,
Onde a Justiça está, onde os delictos?

DE'VO.

Vós confundís os nossos sentimentos
Nesse acerbo rancor que vos devora.
Quem diz que fique sem castigo o crime?
Só se insta e se repete, que a justiça
Manda escutar o réo: ao Magistrado
Não compete alterar a marcha augusta
Das recebidas leis de que he só guarda.

ANE'TO.

Evitemos questões. Venha o culpado.

ME'LITO.

Ao peso da justiça acabe a intriga.

SCENA II.

Os ditos. Licon toca huma campainha.

Sahe Micio.

LICON.

JA' conduziste o réo, onde o guardas-te?

MICIO.

Em seguro lugar. He vigiado
Por soldados fieis. O seu caracter
Não faz temer que intente subtrahir-se
Ao justo chamamento. Em seu semblante

Sereno inalteravel não descobre
Os sinaes do temor. Quer ser ouvido.

ME'LITO.

Eis como do perverso se diffundem
Os p'rigosos principios! Sempre affecta
Tranquillo coração. Este orgulhoso
Quer confundir-nos ostentando audacia.

LICON.

He nisso mesmo que o traidor insulta
A nossa dignidade. Vai chamallo. (1)
Escutemos as vozes da impostura.

SCENA III.

Os ditos.

PHROMIO.

POis que, sabios Juizes, decidiste
Segundo a lei, segundo a humanidade,
Em nomes tão sagrados vos exhorto
A que desalojeis dos nobres peitos
O cruel azedume, dando entrada
Em seu lugar áquella das virtudes
Que mais nos ennobrece: tem direitos
A' nossa compaxão quem geme afflicto.
Se Socrates he réo supporte a pena
Competente ao delicto; não sejamos
Em rigor excessivos! Não se paga

(1) A Micio, que parte.

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

Com sangue á patria!.. Se he innocente goze,
Vencendo a seus contrarios, do triumpho
Maior que póde ter a raça humana.

SCENA IV.

Os ditos, Micio, e Socrates entre soldados.

SOCRATES.

HE a primeira vez, ó Magistrados,
Que compareço na presença augusta
Do vosso ajuntamento como hum homem
Por crimes arrastado. Já passárão
Pela minha cabeça brancos gelos
De settenta Janeiros: neste espaço
Minha vida gastei em ser prestante
A meus concidadãos. Revoco os campos
De Amphipolis, de Delos, de Potidia.
Revoco o sangue, e mostro as cicatrizes
Por onde borbulhou. Formei o esp'rito
De alguns, que havião no correr dos tempos
Sustentar nossas leis. Portanto ignoro
Os estilos prescritos na defesa
De injusta accusação. Eu vou fallar-vos
Desconhecida estranha linguagem,
Que só póde dictar doce innocencia.
O unico favor que hoje vos pesso
He, que deis attenção mais circumspectos
A's consas que ás palavras. Vós jurastes
Fazer justiça, e eu fallar verdade.

Se intentasse mover-vos, empregando
Estudado discurso, então seria
Justamente culpado, pois formava
Impio projecto de querer dobrar-vos
Pelo som da eloquencia encantadora.
Eu sempre consagrei alto respeito
A' vossa dignidade. Se eu quizesse
Agora, derramando amargo pranto,
Ou supplicando consternado humilde,
Forçar á compaxão recta justiça,
Faria injuria a vós, a mim, e á patria.
He no theatro que as paixões se movem
Com tocantes imagens, que suscitão
Terror e compaxão nas almas grandes.
Aqui só deve da verdade ingenua
Soar a doce voz potente e gruta.
Convencido inda mais que meus contrarios
Da existencia de hum Deos que ama a justiça,
Eu me entrego seguro nos seus braços,
Assim como confio em vossa honra.

LICON.

Quando hum réo he chamado ante os Juizes,
Para se defender basta a verdade;
O seu poder excede o da eloquencia:
Por tanto sê singelo. Eis o processo,
Mélito vai mostrar quaes são teus crimes.

SOCRATES.

Dos crimes os sinaes mais evidentes
São os duros remorços torcedores.
Minh' alma está tranquilla, o Ceo me escuta,
Elle fará justiça a quem o invoca.

ANYTO.

Depõe essa impostura. Á hypocrisia
Não nos póde illudir. Hum réo que ostenta
Desemfreado orgulho mais aggrava
Seus crimes, e merece mór castigo.

MELITO.

Escuta e falla só o que he preciso.
O primeiro delicto, que te imputão,
He ser blasfemador dos patrios Deoses,
Insultando seu culto e seus altares,
Negando-lhes sublimes attributos,
Querendo introduzir aereos numes
No furor de teu estro só gerados.
Fazes acreditar ao pôvo inculto,
Que hum Genio desce do sagrado Olimpo
Só para te inspirar, que elle preside
A quanto obras, á moral que ensinas.
Destas maximas vem que o fanatismo,
Dos fracos corações apoderado,
Póde hum dia causar males funestos:
Quantas vezes tem elle suscitado
Devastadoras sanguinosas guerras,
E consumido gerações inteiras!..
Pelas leis de Dracon quem abandona
Seus Deoses natalicios prompta morte
Deve soffrer para terror dos impios.

SOCRATES.

A esta accusação injusta e falsa
Só respondo chamando em meu abono
Os cidadãos de Athenas. Quantas vezes
Em públicos lugares tenho dado

Cultos a nossos Deoses. Quantas vezes
Em seus templos sagrados tenho entrado
Para offertar-lhes gratos sacrificios.
Vós Mélito quereis, invenenando
Meus puros sentimentos, só perder-me!
Respeito os altos Numes. Desaprovo
O tropel de paixões baixas, infames,
Que os homens tem querido attribuir-lhes.
Taes quaes os pintão se se visse hum homem,
Qual de vós, ó Juizes, deixaria
De ser severo contra taes delictos?
Quanto a genio sublime, que me inspira
E falla ao coração, não he estranha
E nova Divindade; he esse esp'rito
Dimanado de hum Deos, que em nós domina.
Para se conduzirem huns consultão
Os voos das aves, outros as entranhas
Das victimas fumantes, muitos delles
As escuras palavras das Sybillas.
Eu em lugar de cousas só geradas
Por torpe fanatismo, só consulto
Porção celeste que o meu ser anima.

Me'lito.

Segunda accusação. Ter depravado
Os tenros corações da mocidade,
Inspirando-lhes maximas terriveis
De desatar os laços mais sagrados
Do sangue e d' amizade. Nesta eschóla
O rebelde Alcibiades gerára
Seus revoltosos planos. Contra o pôvo
Formou o coração duro e tyranno

Do detestavel Critas. Taes delictos
Só os póde expiar a morte acerba.

SOCRATES.

Basta p'ra confundir a atroz calumnia
Lembra-vos, Magistrados, que eu descubro
No mesmo Areopago muitos desses
Que de mim aprenderão: se algum delles
Me ouvio declamar contra a virtude,
Ou conduzir a mocidade ao vicio,
Que se levante e seja quem me accuse.
Em quanto frequentou a minha eschola
Esse ingrato Alcibiades foi sempre
Perfeito cidadão. Critas tyranno
Tremia de me vêr, e no Senado
Só eu tinha valor de contestar-lhe
Os planos furibundos, arrancando
A's truculentas garras muitas prezas.
Julgo ter plenamente refutado
A falsa accusação, tão aleivosa
Como a primeira. De que mais me accusão?

ME'LITO.

Terceiro crime. Declamar nas praças
Contra a mais justa lei, mais positiva,
Que arranca o ceptro ás mãos da tyrannia.
He só pelo escrutinio que nós fomos
Eleitos Magistrados; quem reprova
Este uso recebido, e consagrado
A' nossa independencia, muito offende
O cargo que occupamos. Contra o pôvo
Trama ciladas. He aristocrata.
Quem he rebelde ás leis, e quem projecta

Mudar a fórma de hum governo justo,
He réo de alta traição, merece a morte.

SOCRATES.

He verdade que tenho declamado
Contra o cego escrutinio: porém nisto
Não sou máo cidadão. Julgo imprudente
Confiar ao acaso o bem do Estado,
A segurança pública, o destino
De innumeras familias. Quero agora
Perguntar-vos se tendes escolhido
Por sorte os Generaes, que hão de guiar-vos
Aos campos da victoria? Ou se os mestres
De vossos filhos devem ser tirados
Dessa urna fatal? Se isto repugna
Ao bom senso, á razão, como he plausivel
Que os Magistrados, donde estão pendentes
Os publicos destinos, só se elejão,
Não por meritos seus, mas pelo acaso.
Da injusta accusação só me resulta
Grande credito, e mostro quanto prezo
O bem da patria. Tenho respondido.

ANYTO.

Porém dessas respostas não resulta
A prova da innocencia. Tenho ouvido
Só vagas expressões, que nada abonão
Nem podem destruir provas fundadas
Em factos demonstrados. Meus collegas
Convencidos estão de que és culpado.

SOCRATES.

Não sou culpado de forjados crimes
Pela mais torpe sanguinaria inveja.

Caros concidadãos, rectos Juizes,
Anyto, e Mélito, homens corrompidos,
Cujos costumes tenho reprendido,
Intentão offuscar minhas verdades,
E condenar-me injustamente á morte.
Não a posso temer; tenho aprendido
Desde a infancia a morrer. Quem tem levado
Aos cadafalsos cidadãos immensos
Não poupará hum velho que despreza
Seu insensato orgulho. Se eu podesse
Lisongear-me que acabando a vida
Punha termo á vingança, e se estancava
O sangue que inda pede a tyrannia,
Meus poucos dias offertára affouto
Ao bem da humanidade. Quem me accusa
He mais a lamentar, pois se envilece
E se cobre de infamia. Nos vindouros
Severos tempos se dirá, que forão
Injustos aleivosos delatores.

LICON.

Cala-te, infame!.. Teme da Justiça
A lampejante espada!.. Se não fossem
Provados teus delictos, só bastára
A soberba maneira com que insultas
A Toga respeitavel para seres
A' morte justamente condenado.
Vós, Magistrados, que prezaes a honra
Da vossa dignidade, decidi-vos
Se he innocente ou culpado o réo altivo.
Livremente votai, que a lei he clara. (1)

(1) Escreve em hum papel, que depois circu-

LICON. (1)
Oh desesperação! .. Froxos collegas! .. (2)
Combinados os votos, te condenão
Como réo ao castigo: mas, piedosos,
Qual deva ser a teu arbitrio entregão.

SOCRATES.
Que dizes, ó Licon, não sou tão fraco
Que por salvar a vida imponha a pena
Só cunho do delicto: desta infamia
Resultava julgar-me eu criminoso,
E reputar legal sentença iniqua.
Como sou livre p'ra escolher castigo
Que me compete pelo que me accusão,
Eu me condeno, por ter sempre amado
A minha ingrata patria, por ter feito
O maior bem que pude, porque aos homens
Sempre dictei as solidas verdades,
A serem no Pritaneo sustentados
A' custa da Republica os que restão
De meus dias de estudos tão cansados.

LICON.
Não ha maior audacia! .. Este insolente
Tem atacado tudo o que ha mais nobre
Na ordem social! .. Tanta indulgencia
Da nossa parte tem aberto a estrada
A seus fogosos torpes desvarios.

---

la por todos os Areopagitas, que votão escrevendo, e volta á mão de Licon.

(1) Lê os votos.

(2) A' parte.

Se não puzermos hum silencio eterno
A's loucas pertenções, talvez que a peste
Do seu systema contamine o pôvo.
Tem chegado a hum excesso intoleravel
Sua altiveza. Eu voto, que a cigude,
Gelando hum coração que arde em desejos,
Nossa honra ultrajada desagrave,
E livre Athenas de intestinas guerras. (1)

LICON. (2)

Plenamente o meu voto foi acceito:
Portanto os Magistrados revocando
Recta justiça, que insultaste altivo,
Te condenão, que bebas por castigo
O çumo matador dessa cigude,
Que pouco a pouco vai prendendo o sangue.
Eis o premio do orgulho, eis o Pritaneo,
Que compete a quem he soberbo e louco.

SOCRATES.

Tantoque a tyrannia me arrancára
Dos braços da familia, e dos amigos,
Logo previ que a morte me esperava:
Ella he hum ganho p'ra mim, pois me liberta
Dos males da existencia. Vós, Juizes,
Sentireis sem cessar agros remorsos
Das vossas crueldades. Sempre os homens
De justos corações hão de execrar-vos.
He tempo de partir, eu para a morte,

(1) Escreve, e faz segunda vez circular o papel.

(2) Depois de lhe chegar á mão lê.

E vós para viver. Qual de nós deve
Gozar melhor destino!.. Hum Deos superno
Só póde decidir este problema. (1)

LICON. (2)

Consegui o que quis. Vinguei meu odio.

PHROMIO. (3)

Não lhe pude valer!.. Morre a innocencia!..
Morre (o) homem de bem!.. Morre a virtude!..

(1) Vai-se entre os soldados.
(2) A' parte.
(3) A' parte.

ACTO V.

SCENA I.

Sala da prisão.

Xenophonte, Platão, Critón, Appolodoro, e Micio.

XENOPHONTE.

QUem póde, caro Micio, estar seguro
De barbara oppressão, se homem justo
He condenado á morte? Não valerão
As vozes da innocencia, nem de Pythia
Apollinia resposta, que o marcára
Polo mais virtuoso entre os humanos.
Quanto he doce valer aos desgraçados,
Principalmente quando a tyrannia
Bramindo de furor esmaga o justo.

MICIO.

Minh' alma se compunge. Em seu aspecto
Reina serena paz, nada o altera.
Suas cãas respeitaveis, seu silencio
Augmentão minha dôr. Oh quem pudera
A' dura commissão hoje esquivar-se!

PLATÃO.

Teu caracter sensivel não he proprio
A servir aos tyrannos; se pudesses
Subtrahillo á desgraça, eu julgo., ó Micio,
Que alegre te prestáras. Sobre a terra
Nada mais respeitavel que a virtude.

MICIO.

Sem a honra manchar eu dera a vida.

XENOPHONTE.

A honra só se mancha quando hum homem
Se escravisa ao tremendo despotismo,
Quando he fautor das ordens sanguinarias
De perversos ministros, que em desprezo
Das leis, da natureza, a seus rancores
Immolão a innocencia. Os que inspirados
Do mais nobre dever com braço heroico
Despedação dos pulsos macerados
Da virtude opprimida os duros ferros
São homens immortaes de premios dignos.

MICIO.

A minha obrigação, meus juramentos,
Militar disciplina, as leis do Estado,
Tudo me obriga a suffocar no peito
Meus ardentes desejos. Ah poupai-me
A provas arriscadas!.. Sou mandado,
Abedecendo á lei cumpro o que devo.

CRITON.

Porém quando essa lei não he descripta
No codigo sagrado, quando he filha
De barbaras paixões, quando a dictára
Sómente a tyrannia, nós devemos

Oppor-nos aos progressos que anniquilão
A triste humanidade. Muitas vezes
Tem Athenas guerreira sacudido
O jugo insoportavel dos tyrannos.

MICIO.

Longe de nós, Senhores, essa idéa
Da patria ensanguentar! Vós tendes visto
Quantas scenas de horror, quantas desgraças
Causa a mudança de hum governo a outro.
E que ganhámos nós?.. Em meu silencio
Sepulto quanto sinto. Hoje sómente
Me parte o coração a dôr acerba
De ser guarda tyranno da innocencia,
Que hũa intriga fatal condena á morte.

APPOLODORO.

Pois que conheces que he injusta e dura
Essa sentença, que o rancor dictára,
Como te prestas a guardar nos ferros
Hum heroe tão sublime e tão famoso.
Depõe essa illusão, que te allucina,
He honra só obrar acções honradas;
A tyrannia aos homens envilece.
Abre o teu coração, deixa que corrão
Livremente os impulsos da piedade.
Façamos hũa acção que o mundo assombre.
Libertemos á custa da existencia
A victima innocente. Oh, caro Micio,
Eu já vejo brilhar em teu semblante
Raios de compaxão! As portas abre!
Fujamos todos da perversa Athenas!
Vamos no mundo procurar asylo.

Onde as virtudes sejão respeitadas.

MICIO.

Que disseste, Senhor! .. Eu ser perjuro! .,
Faltar á obrigação! .. Manchar meu nome! .,

XENOPHONTE.

Não, amigo, nas epocas remotas
Teu nome se ouvirá entre saudade,
Dirão os corações ternos, sensiveis:
Os tyrannos de Athenas confiárão
A guarda da virtude a hũ' alma nobre,
Que escutando os clamores d'amizade
A soube libertar da morte injusta.
Em recompensa desta acção sublime
Recebe, caro Micio, este presente, (1)
Que a gratidão te offerta. Se quizeres
Da nossa immigração ser companheiro,
Quanto possuo be teu. Excede ao mundo
O thesouro que podes entregar-nos.

MICIO.

Vós offendeste na imprudente offerta
Meu inteiro caracter! Não se compra
O coração de Micio, nem do mundo
Podéra o ouro todo subornar-me.
A que não propender d'alma os desejos,
Não poderão fazer quaesquer motivos.
Vós atrazas-te com esse ouro infame
Negocio, que marchava já seguro,
Fazendo reverter-me a meus deveres.

(1) Offerece-lhe huma bolça com dinheiro.

XENOPHONTE.

Desculpa, ó homem raro, os meus excessos.
Não podia julgar que em nossos tempos,
Onde sómente este metal impera,
Se achasse hum coração tão generoso!
Vejo a cada momento horrorisado
Commetter-se com elle atrozes crimes,
Vejo a justiça, a honra, a pudicicia
Dobrar-se a seu poder, com elle as portas
Mais fortes se franqueão, he do mundo
Despotico senhor! Tu me mostraste,
Que as almas grandes só prezando a gloria
A's heroicas emprezas se abalanção.
Eternisa teu nome!.. Não te offendas,
Se arrebatado andei. Segue os impulsos
Da doce compaxão!.. Nossa amizade
Por premio só terás de altos serviços.

PLATÃO.

Abranda o coração, vê que nos fogem
Aligeros instantes. Se retardas
Concluir esta acção, talvez não possas
Daqui a pouco affugentar desgraças.
Pelos Deoses do Olimpo te conjuro!
Arranca desses ferros tenebrosos
A innocencia opprimida! Salva o justo!
Que no prazer de obrar acção tão nobre
Terás a mais segura recompensa.

MICIO.

Invencivel poder me arrasta e move!..
Não sou senhor de mim!.. Dentro em minh' alma
Luctando a compaxão vence o preceito!..

Dirão alguns que fui traidor e fraco:
Porém nos corações mais generosos
Meu nome ha de viver da infamia intacto.
Vamos pois libertallo, e sem saudade
Deixemos para sempre a patria ingrata.
A mãi que esmaga os filhos virtuosos
Os laços quebra, e perde os seus direitos. (1)

SCENA II.

Carcere.

Socrates recostado dormindo socegadamente. Xenophonte, Platão, Appolodoro, Criton, e Micio, no fundo do Theatro.

MICIO.

VEde como a innocencia, que não sente
Os picantes remorsos, socegada
Dorme nos ferros, sem temer o aproxe
Da morte pavorosa. Se os tyrannos,
Que a ella o condenárão, neste instante
O vissem tão tranquillo, certamente,
Depondo o seu rancor, cruel sentença
Farião revogar. Quanto me custa
Roubar-lhe o maior bem da natureza!
Nos braços de Morpheo repousão todos
Os males da existencia. Quem pudera

(1) Vão-se.

Só fazello acordar longe de Athenas!

XENOPHONTE.

O tempo apressa, não nos demoremos.

PLATÃO.

As ordens dos tyrannos são severas.
Vamos a prevenir o golpe horrendo. (1)

CRITON.

Acorda, caro mestre, os teus amigos
Constantes vem buscar-te. Deixa o froxo
Imperio de Morpheo. Agora he tempo
De intrepido vigor, de alta inergia.

SOCRATES. (2)

Ternos amigos, quanto me tardava
A vossa companhia! Em meus cuidados
Jámais pude aos ingratos comparar-vos,
Que abandonão no centro da desgraça
A candida amizade. O Sol brilhante
Vai p'ra mim apagar-se! Assim mandárão
Os despotas de Athenas! Vós sensiveis
Escutareis meus ultimos discursos,
Dictados pelas mais santas verdades,
E fechareis com mão piedosa e meiga
Meus olhos moribundos. Menos dura
A morte me será nos vossos braços.

XENOPHONTE.

Recobra o teu valor, deixa as idéas,
Que essa morte cruel tem suscitado.

---

(1) Chegão-se a Socrates.
(2) Acordando.

Vê teu libertador, vê teus amigos, (1)
Acompanha-nos pois nada mais falta.

SOCRATES.

Acompanhar-vos!.. Para onde, e quando?
Acaso os meus juizes, convencidos
Da sua iniquidade, revogárão
A barbara sentença? Sou liberto
Pela expressão da lei? Posso mostrar-me,
Tendo vencido a mais feroz calumnia?

XENOPHONTE.

Não, amigo, os tyrannos já não sentem
O peso dos remorsos! D'amizade
Se gerou este esforço. Não hesites.
Já tudo está disposto, e na Thesalia
Acharemos heróes, que nos escudem
Contra a dura oppressão da patria ingrata.

SOCRATES.

Vosso discurso só de horror me serve!
He Xenophonte que aconselha o crime
A seu amigo nos momentos onde
Só a virtude póde consolallo?

XENOPHONTE.

Pois he crime fugir, salvando a vida
Dentre as mãos da injustiça e da vingança?

SOCRATES.

He crime ir contra as leis, he crime a fuga;
Principalmente quando o nosso asylo
Se busca no paiz rival ousado.
Ah, se eu fosse tão fraco e tão cobarde,

(1) Aponta para Micio.

Que para conservar dias escassos,
Que a velhice tem feito assaz pesados,
Abraçasse imprudente esse conselho,
Então seria justamente á morte
Pela lei condenado. O que sustenta
O homem justo, quando soffre a pena,
He a convicção dessa innocencia,
Que vai recompensar hum Deos clemente.

APPOLODORO.

Mas se he iniqua a sentença, e se he dictada
Costra as leis e sómente por vingança,
Como he crime evadir-se? Oh, caro méstre,
Acceita a justa offerta, de outra sorte
A morte soffrerás sem ser culpado.

SOCRATES.

E querias que o fosse? Que a justiça
Fazendo o seu dever me condenasse?

CRITON.

Pois queres, ostentando austeridade,
Teus filhos entregar ao desamparo?
A consorte infeliz ao pranto, á magoa?
Deixar os teus amigos complicados
Na espinhosa questão, talvez expostos
A' barbara vingança por salvar-te?
Tornar, ingrato, inuteis os esforços
De Micio heroico, que deixava Athenas
Só para te valer? Tantos excessos
São de nenhum valor? Queres deixar-nos?

SOCRATES.

Desses mesmos motivos ponderosos
A origem nasce da fiel repulsa.

Vede se eu annuisse aos vossos rogos
De quantos crimes éra réo infame.
Primeiramente contra a patria obrava
Oppondo-me aos Juizes, que a governão.
Em segundo lugar roubava injusto
Seus mais mimosos filhos, que eu formára,
A' custa de desvelos, para dar-lhe
Provas do meu amor. Pagava a Micio
Fazendo-o companheiro das desgraças
De hum profugo e banido. Dava ao mundo
A prova de fraqueza. Os homens rindo
Dirião: Quem viveo quatorze lustros
Deve saber morrer num quarto de hora.
Quando os Juizes me deixárão livre
Para escolher a pena que eu quizesse,
Dalli mesmo podia desterrar-me
Para longe de Athenas. Mas que infamia!
Eu confirmava os barbaros delictos,
Que a calumnia inventou! Levar comigo
O duro opprobrio! Apparecer no mundo
Como hum homem de crimes já manchado,
Que a patria arroja do mimoso seyo!
Não poder repetir nomes sagrados
De Virtude e Justiça, sem que ás faces
Assumásse o rubor! Fugir dos homens
Envergonhado e triste! Se então pude
Repellir taes affrontas, como agora
Intentais seduzir-me a comettellas?
Não, meus amigos, Socrates, constante
Em seu systema, beberá sem susto
Até a ultima gota esse veneno,

Que transportallo vai a eternidade.
Minha cara consorte, os meus filhinhos
A' vossa compaxão já tem direito.
Sêde com elles grandes, generosos,
E deixai-me acabar amigo honrado,
Digno de vós, da patria, e de mim mesmo.

MICIO.

Oh virtude, do Ceo porção mais bella,
Quanta força não dás na desventura!

PLATÃO. (1)

Pois podendo viver a morte escolhes?
Quem ha de sopportar tão triste scena!

SOCRATES.

Os meus amigos, que ensinei á muito,
Que esta vida era hum sonho passageiro,
Que devemos pagar este tributo
A' fragil natureza. Esses injustos,
Que me ordenárão que bebesse a morte,
Talvez se esquecem, que nascendo, a ella
He tudo o que he vivente condenado.
Tempo virá que chegue. Nesse espaço
Da immensa eternidade vão sumir-se
O impostores seculos. Quem vence
Esta grande batalha he quem formára
Su' alma para hum Deos que ama a virtude.

---

(1) Chorando.

SCENA III.

Os ditos, e Xantippa com os filhos pela mão.

XANTIPPA. (1)

Esposo!.. Que momento!.. A dôr mais forte
Me esmaga o coração!.. Impios!.. Tyrannos!..
Nada pôde applacar-vos?.. Constrangestes
As leis ao vosso odio!.. Jámais houve
Sentença tão cruel!.. Vem a meus braços, (2)
Desfortunado esposo!.. Sim perdoa
As minhas imprudencias já passadas!..
Conheço agora o barbaro azedume
Com que ásvezes tratei teu genio docil!..
Ah perdoa!.. Perdoa os meus transportes!..
Por este amargo pranto, pelos ternos
Mimosos filhos, fructos desgraçados
Do nosso amor, perdoa á mais afflicta
Das miseras esposas!.. Lá no Olimpo
Vai receber da paciencia o premio!..
Esse potente Deos, que annunciáste
Isento das paixões, que os homens soffrem,
Cuja unidade de poder supremo,
Motivo tambem foi da injusta pena,
Saberá justiceiro consolar-te,
E raios fulminar contra os tyrannos!

---

(1) Consternada, e chorando.
(2) Abraçando-se.

SOCRATES.

Minha cara Xantippa, doce amiga,
Não chores, não te affliias. Nós nascemos
E devemos morrer ou cedo ou tarde.
Ser pela mão da natureza, ou dalla
A lei como castigo, tudo he morte.
Só a differença está se essa sentença
He justa ou he perversa. Consultando
A minha consciencia, regulada
Pelo Genio sublime que me inspira,
Conheço que não sou nem levemente
Culpado dos delictos que me imputão.
Da atroz accusação só me resulta
O triumpho maior da especie humana.
Os homens instruir, amar os Deoses,
Isentos das paixões torpes, infames,
Querer que as leis se adocem, se regulem
Ao bem dos cidadãos, que só se escolhão
Para exercer os optimos empregos
Aquelles que nutridos de virtudes
Se cancão sobre os livros, se dedicão
A' sublime moral, isto não póde
Os homens revoltar, nem ser delicto.
Morro pois innocente, e desta idéa
Te deve dimanar toda a constancia
Precisa ao coração no lance forte.
Assaz tenho vivido, e não lamento
O termo da existencia, nem me agitão
Vingadores desejos contra os impios,
Que á morte me mandárão. Caros filhos, (1)

(1) Abraça os filhos.

Abraçai vosso pai!..Eu só me peza
Não poder instruir-vos: mas vós tendes
Na virtuosa mãi quem vos ensine
A recta estrada das acções heroicas.
Gravai nos corações tenros sensiveis
De hum terno pai os ultimos conselhos;
Sêde bons cidadãos, ás leis submissos,
Trabalhai por servir com honra a patria,
Os Deoses respeitai amando os homens.
Quando chegardes á madura idade,
Que o meu tragico fim alguem vos conte,
Não projecteis vingar meu sangue puro;
Suffocai as paixões, bani dos peitos
O rancor, a vingança; destes crimes
Os Deoses se horrorisão. Sobre a terra
Nada se move que não seja effeito
Do seu consentimento. Ninguem sabe
Se elles, prevendo dos conçados dias
A fraqueza, o langor, por este modo
Me chamárão a si! Em dura guerra
Vivi comigo mesmo, refreando
Meus rebeldes desejos. Terna esposa, (1)
O presente, que vai roubar-me ás dôres,
Chega neste momento. Vai-te, amiga!..
Leva teus filhos!..Sêde virtuosos, (2)
Pois desta sorte viveremos juntos
Na patria do prazer, livres de ingratos.

---

(1) Hum soldado traz o vaso com o çumo da cigude, e pondo-o sobre huma meza vai-se.

(2) Abração-se.

XANTIPPA.

Eu me retiro!.. O coração não pode
A magoa sopportar de ver-te ousado
Metter no peito o matador veneno!..
Adeos, esposo, adeos!.. Meus ternos filhos, (1)
Abraçai vosso pai!.. Beijai-lhe as faces,
Que a mesma morte descorar não pode.
Esposo, a dôr se augmenta!.. A luz do dia
Pouco a pouco se apaga!.. Os Deoses querem
Que eu te mostre o caminho á eternidade! (2)

SOCRATES.

Amigos, arrancai-me já dos braços
Esta scena toçante, que só póde
Affroxar meu caracter no momento
Em que a minha constancia he tão precisa. (3)
Não he de ferro o coração do homem. (4)

XENOPHONTE.

Os lamentos da esposa, o desamparo
Dos innocentes filhos, este pranto,
Que o rosto banha dos fieis amigos,
Não podem commover-te? Sempre queres
Esgotar desse vaso pestilento
Ingrato succo, que vai dar-te a morte?
Inda ha tempo a fugir. Mostra que sentes

---

(1) Abração e beijão o pai.
(2) Cahe desmaiada.
(3) Criton, e Appolodoro, levão Xantippa sem sentidos, e Platão os filhos. Voltando logo para a scena os tres discipulos.
(4) Chorando.

Os impulsos de pai, de esposo, e amigo.

SOCRATES.

Desses nomes sagrados tenho escriptas
As leis no coração! Morro com ellas!
Porém neste momento não sou livre,
Sou escravo da lei, devo submisso
Cumprir o que me ordena quem governa
A desgraçada patria. O vosso pranto
Enxugai valorosos. Negro agouro
Não quero que interrompa o meu triumpho. (1)
Acabou a illusão! Quebrem-se os laços,
Que á terra ingrata me prenderão tanto! (2)
Eterno Ser, que desse Throno Excelso
Da Tua Magestade as vistas lanças
Sobre o meu coração, recebe affavel
O puro sacrificio que te offerto!
A mão não treme, por que está seguro
Meu espirito em Ti! Este veneno,
Que a injustiça dos homens me inviara,
Vai conduzir-me a Ti Deos de Justiça!
E se neste momento respeitavel
Posso alcançar humilde alguns favores,
Affasta os males á affligida patria,
Não desampares mísera familia,
Dá constancia e virtude aos bons amigos! (3)

(1) Levanta-se, e encaminhando-se á meza pega no vaso com intrepidez.

(2) Com os olhos no Ceo, e o vaso erguido.

(3) Esgota o vaso, e o lança por terra.

PLATÃO.

As nossas esperanças já fugirão!

CRITON.

Somos filhos sem pai, triste existencia!

SOCRATES. (1)

Antes que da cigude a força gele
Meu sangue já cançado, e prenda os lábios,
Eu quero, amigos, na Moral sublime
Entreter os instantes que me restão
Entre a vida e a morte. Muitas vezes
Vos disse em meus discursos, que existia
Em nós porção celeste, separada
Da confusa materia, que este Genio
Era a alma do homem, que não morre,
E vai depois da vida além dos astros
Gozar de eterna gloria se foi justa;
Mas se perversa, de horridas torturas
Será eternamente atormentada.
Embora esses Philosophos, que prendem
Tudo á cadêa da materia inerte,
Combatão meus principios, que a verdade,
Rompendo a escura noite dos systemas,
Se fará conhecer ou cedo ou tarde.
Desta immortalidade convencidos,
Devemos preparar-nos nesta vida
Para sermos heroes além da morte.
Ha dous caminhos só que nos conduzem
A' certa eternidade; os que seguirão
Neste mundo a virtude vão seguros,

(1) Torna a sentar-se.

Os que deixárão trasbordar a lava
Das accezas paixões, e se encantárão
Dos fugazes aligeros prazeres,
Verão que mal andárão, preferindo
A seductora estrada... Já começa
Do veneno cruel o triste effeito!..
Da morte o frio gelo se derrama
Pelos membros, que vão perdendo a força...
Antes que aos braços falte, eu quero, amigos,
Docemente apertar-vos, vinde a elles!.. (1)
Conservai na lembrança os meus preceitos
Para seres felizes, que algum dia
Viveremos em paz onde os tyrannos
Não pódem perturbar-nos... Meus sentidos
Se vão adormecendo... A luz me foge...
Com piedosa mão cerrai meus olhos...
E rendei compassivos hum tributo
A' memoria do vosso caro amigo,
Não de estereis lamentos, de suspiros,
Mas daquella virtude que ennobrece
Os grandes corações, sendo sensiveis
Aos males á afflicção da esposa e filhos
Do martir da verdade!.. O cruel çumo
Já chega ao coração... Já sinto a morte...
E de celeste voz o som me chama. (2)

XENOPHONTHE. (3)

O premio vai gozar, ó alma pura,

---

(1) Abraça os amigos.
(2) Expira.
(3) Chorando.

Em quanto teus amigos sobre a terra
Seguindo vão a estrada que trilhas-te.

CRITON. (1)

Estes olhos, que virão claramente
As sublimes verdades, já não brilhão!
Quero cerrallos por cumprir preceito,
Que expirando me impoz! O outro nasce
Do mesmo coração, nem para obrallo
Precisa estimular-se o peito humano.

APPOLODORO. (2)

Vinde vêr, ó mortaes, se tem havido
No mundo scena mais tocante e triste!

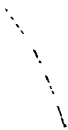
PLATÃO. (3)

Eclipsou-se o planeta luminoso,
Que rayos espalhava sobre a terra!
Triumphou a feroz iniquidade,
Levando á morte a candida innocencia!
Já Socrates morreo!.. Convulsa, afflicta
Vejo gemer a Natureza inteira!..
A Virtude assustada lá pergunta:
Onde o orgão está, que annunciava
Minhas leis immutaveis? Não existe:
Lhe responde chorando a Moral pura,
Que do Ceo arrancou!.. Mortaes, que ouvistes
Seus discursos sublimes, ajudai-me
Na intensa dôr, que o coração me opprime!..
Já Socrates morreo!.. Sua constancia,

(1) Chorando, e cerrando-lhe os olhos.
(2) Chorando.
(3) Chorando.

Sua resignação vos fortifique
Nas tormentas da vida!.. Se quizerdes
Como elle acabar firmes, tranquillos,
Desprezai os rancores dos tyrannos,
Seguindo a marcha da virtude heroica.

FIM.

1

71 205 AA A 30